

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO/FCH
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

MARIALVES CONCEIÇÃO

**AS JUVENTUDES E AS INCERTEZAS EM VIVER NO ASSENTAMENTO
UIRAPURU, NIOAQUE/MS**

Dourados/MS

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO/FCH
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

**AS JUVENTUDES E AS INCERTEZAS EM VIVER NO ASSENTAMENTO
UIRAPURU, NIOAQUE/MS**

Dissertação apresentada em banca de defesa de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (FCH/UFGD), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Alzira Salete Menegat

Dourados/MS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Conceição, Marialves

As juventudes e as incertezas em viver no assentamento Uirapuru,
Nioaque/MS [recurso eletrônico] / Maria Alves Conceição - 2024.

88 páginas

Orientadora: Dra. Alzira Salete Menegat.

Dissertação (Mestrado em Sociologia)-
Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

**Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

BANCA EXAMINADORA

MARIALVES CONCEIÇÃO

**AS JUVENTUDES E AS INCERTEZAS EM VIVER NO ASSENTAMENTO
UIRAPURU, NIOAQUE/MS**

Profa. Dra. Alzira Salete Menegat (Presidenta/Orientadora), FCH /UFGD

Profa. Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias (Membra Titular Interna), FCH/UFGD

Profa. Dra. Rosa Sebastiana Colman (Membra Titular Externa), FAIND/UFGD

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me permitido chegar até o final dessa jornada com saúde e por ter me permitido conquistar, tantas coisas boas ao longo de minha vida.

Aos meus filhos Thiago e Diego e à minha filha Karina, pela confiança incondicional em mim. Sempre foram meus maiores incentivadores, sempre acreditaram que eu venceria qualquer desafio, qualquer obstáculo que pudessem surgir em meu caminho. São eles as principais razões pela qual, luto, enfrento leões, uns até muito ferozes, caio e me levanto para continuar lutando.

À minha querida orientadora Alzira Salete Menegat, por tudo que significou em minha vida ao longo de minha carreira acadêmica. Muita gratidão por ter me inspirado em minha profissão e pela valiosa orientação nesta dissertação e por todo ensinamento na Graduação Ciências Sociais – PRONERA-UFGD, que com certeza fez a diferença em minha vida e que jamais esquecerei.

À Professora Marisa Lomba de Farias, por todo conhecimento que me proporcionou ao longo de minha formação acadêmica. Suas aulas, com certeza, marcaram o divisor de águas em minha vida.

À Professora Rosa Sebastiana Colman, Professora muito querida que a conheci ao cursar uma disciplina na FAIND. Tivemos pouca convivência, porém, foi o bastante para que eu a admirasse como pessoa, como mulher e como profissional. Gratidão, por ter aceitado estar em minha banca de qualificação e defesa.

Um agradecimento muito especial à minha querida amiga Joenilza Santos da Silva, companheira de viagem, que nunca me deixou pegar a estrada sozinha, sempre perto, me ajudando com as minhas dificuldades e falta de tempo. Agradeço muito por me puxar para cima, sempre que eu queria desistir e me fazer acreditar que podemos tudo, pois não há tempo nem limite para voar, basta querermos.

A todas as pessoas do PA Uirapuru que aceitaram participar de minha pesquisa com suas entrevistas, informações e receptividade ao me aceitarem em suas casas. Gratidão especial aos jovens, foco da pesquisa pela gentileza e colaboração.

Aos meus Professores e Professoras, pelos ensinamentos e paciência, com que sempre me trataram, não só, os professores do Mestrado, mas, também os Professores das Ciências Sociais – PRONERA –UFGD, onde considero que tudo começou.

Ao meu secretário Gualter de Lima Gomes, por todas as vezes que ficou na escola segurando a secretaria, praticamente sozinho para que eu pudesse estar em Dourados todas às sextas feiras estudando.

Ao Professor Mizael de Souza Neto, PCPI (Professor de Práticas Inovadoras da escola), por todas as vezes que me ajudou com as tecnologias ao longo da construção de meu trabalho.

Aos Professores e Professoras, e todos (as) funcionários (as) administrativos da escola, pela paciência que tiveram com minhas ausências.

À minha Coordenadora Regional - CRE-7, Marta Cheres, pela empatia e flexibilização de meus horários de trabalho na escola, para que eu pudesse estar nesta jornada.

A todos os amigos e amigas que Deus me deu de presente, especialmente do PA Uirapuru que me acolheram no Uirapuru, desde 2014, quando aqui cheguei.

DEDICATÓRIA:

Dedico este trabalho à minha orientadora Alzira Salete Menegat, pela sua preciosa orientação, dedicação e paciência e por todo apoio a mim dedicado que com certeza foram fundamentais para que eu concluísse esta jornada.

A todos os/as Professores/as e colegas de turma e à comunidade da EE Uirapuru que fizeram parte de minha caminhada e principalmente aos meus filhos e filha que sempre me deram força e acreditaram que eu seria capaz.

É AQUI

Onde os pés que abrem seus próprios
caminhos sobre a terra, marcham semeando campos
e cidades de esperança.

Onde o olhar distante
que guarda a utopia revela a consciência
de quem não se aceita mais objeto da história.

Onde mulheres e homens já não tão moços
retornam a tempos de coragem e
sensibilidade infantil.

Onde, por ódio ou paixão,
o choro fácil encharca as faces daqueles
que se permitiam sentirem-se vivos.

Onde a alegria corta o ar em beijos
e sorrisos enamorados de companheirismo
a destruir a solidão individualista.

Onde de braço em braço formam-se correntes
solidárias a quebrar preconceitos na afirmação de
relações humanamente verdadeiras.

Onde pensar diferente não é crime,
a participação é um princípio e saber falar e ouvir
são momentos da mesma aprendizagem.

Onde cabem todos os mundos
e a diferença é a prova de nossa rica diversidade
cultural e não elemento de exclusão.

Onde tremulam bandeiras em melodias
a embalar os sonhos
de tantas Marias, Franciscos, Antonios, Claras, Sebastões...

È aqui nas lutas de nosso tempo,
dentro de nossos peitos e tangíveis à palma da mão
destes que fazem as tais revoluções...

È aqui, bem aqui, no dia-a-dia
que nasce o futuro nem amanhã... nem depois.

Evandro Medeiros
II Coletânea de Poesias para Agitação e Propaganda
Coletivo Nacional de Cultura do MST. Setembro de 2015 p.84

RESUMO

Tratamos neste trabalho a questão da juventude do PA Uirapuru – Município de Nioaque – MS, abordando as incertezas em viver no assentamento à qual a pesquisa foi realizada, partindo da preocupação em perceber que a cada dia que passa a população do assentamento vai se tornando mais envelhecida. Outra razão é a preocupação com o possível fim do campesinato brasileiro, visto que, não é uma tendência só local, mas também, uma tendência que assola todos os assentamentos brasileiros, uma vez que os jovens, principalmente as jovens assentados(as), estão deixando suas famílias nos lotes e buscando, cada vez, mais alternativas de vida na cidade. Diante disso, desenvolvemos a pesquisa levantando os principais motivos que têm contribuindo para esse movimento. Como fio condutor, a pesquisa dialogou com algumas categorias, a fim de compreender, o que vem a ser jovem rural, na dimensão identitária do sujeito/a “jovem do campo”. Para esta construção, demandou um estudo bibliográfico, onde buscamos vários teóricos que estudam a categoria Juventude, e em especial a categoria jovem do campo, foco da pesquisa. Em sua estrutura, organizamos a dissertação em capítulos, sendo analisado, no primeiro capítulo, as categorias teóricas metodológicas, com as quais refletimos. No segundo capítulo, apresentamos o lugar da vida das juventudes, no qual dialogamos com as primeiras pessoas que fizeram parte da luta e conquista do lugar pesquisado, assim como ao longo do tempo o lugar onde os jovens começaram a vida foi organizado, considerando assim, suas múltiplas dimensões. No terceiro capítulo, apresentamos a vida das juventudes que vivem no assentamento, seus projetos futuros, o problema de sucessão nos lotes, as políticas públicas que garantam a permanência do jovem no campo, o lazer para a juventude como possível garantia de ficar ou sair. Para o trabalho de campo, optamos pela abordagem qualitativa, por considerar que se constitui num processo gratificante para compreensão e interpretação dos dados pesquisados. Apresentamos entrevistas com as juventudes e pessoas com as quais convivem, como: pais, mães, professores, pessoas ligadas à escola, ao poder público municipal, à Secretaria Municipal de Educação, de Cultura e Lazer. Realizamos levantamento tanto por observação empírica, quanto entrevistas com fontes orais, pautadas em roteiros com perguntas abertas as quais foram gravadas, transcritas e, posteriormente, apresentadas às pessoas entrevistadas. Adotamos o procedimento de não identificar os jovens menores de 18 (dezoito) anos, os identificando através de letras, a fim de preservar suas identidades, porém, identificamos as pessoas maiores de 18 (dezoito) anos com a devida autorização das mesmas. Como resultado da pesquisa, os/as jovens mudam-se para a cidade porque não percebem o assentamento, lugar onde nasceram e cresceram, como o lugar vivência possível. Acreditam que na cidade terão melhores condições de vida. Assim, o sentimento de pertencimento para a juventude do campo vem se ressignificando, marcado pelo modelo de globalização excludente, incentivando o consumismo, criando necessidades cada vez maiores para as juventudes, impulsionando-as a procurarem as cidades em busca de trabalho e renda. Os lotes, pela baixa produção, não atendem as necessidades de todos das famílias e a alternativa que encontram é a deixarem o assentamento, irem em busca de outros lugares

PALAVRAS CHAVE: assentamento rural, juventudes, incertezas, projetos.

RESUMEN

In this work we will deal with the issue of youth in PA Uirapuru – Municipality of Nioaque – MS, addressing the uncertainties in living in the settlement in which the research is carried out, starting from the concern in realizing that with each passing day the population of the settlement becomes more aged. Another reason is the concern with the possible end of the Brazilian peasantry, since this is not only a local trend, but also a trend that plagues all Brazilian settlements, since young people, especially young settled women (the) are leaving their families on the lots and increasingly seeking alternative ways of life in the city. In view of this, we intend to raise the main reasons that have possibly been contributing to this movement. As a guiding thread, the research will dialogue with some categories, in order to understand what constitutes a rural youth, in the identity dimension of the “country youth” subject. For this construction, a bibliographical study was required, where we sought out several theorists who study the Youth category, and in particular the rural youth category, the focus of the research. In its structure, we organize the dissertation into chapters, Berin discussed in the first chapter, the theoretical methodological categories, with which we dialogue, in the second chapter, we present the place of youth life, which we dialogue with the pioneering people who were part of the struggle and conquest of the researched place, just over time the place where young people began their lives was organized, thus considering its multiple dimensions. In the third chapter, we present the lives of the young people who live in the settlement, their future projects, the problem of success in the lots, public policies that guarantee the permanence of young people in the countryside, leisure for young people as a possible guarantee of staying or leaving. For fieldwork, we opted for a qualitative approach, considering that a qualitative approach constitutes a rewarding process for understanding and interpreting the researched data. We present interviews with young people and the people they live with, such as: fathers, mothers, teachers, people linked to the school, the municipal government, the municipal department of education, culture and leisure. We carried out a survey both through empirical observation and interviews with oral sources, based on scripts with open questions which were recorded, transcribed and later presented to the people interviewed. We adopt the procedure of not identifying young people under 18 (eighteen) years of age, identifying them through letters, in order to preserve their identities, however, we identify people over 18 (eighteen) years of age with their due authorization. Likewise, the photos published were authorized by their authors. The people interviewed are represented through the following tables: Table I: Research students, table 2: Teachers interviewed, table 3: Interviews with people interviewed, table 4: People who work in/for the settlement, table 5 ; Students enrolled at EE Uirapuru from 2019 to 2023. As a result of the research, young people have been moving to the city, because they do not perceive the settlement, the place where they were born and raised, as the place of possible living. They believe that in the city they will have better living conditions. Thus, the feeling of belonging for rural youth has been resignifying, marked by the exclusionary globalization model, encouraging consumerism, creating needs for young people, encouraging them to look for the cities in search of work and income. The lots, due to the low production, do not meet the needs of all the families and the way out is to leave the settlement and go in search of other places.

KEYWORDS: rural settlement, youth, uncertainties, projects.

LISTA DE SIGLAS

APRAUR – Associação dos Produtores Rurais do Assentamento Uirapuru.

E E – Escola Estadual

EMTI – Ensino Médio em Tempo Integral

ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio

FUNDESPORTE:

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MS – Mato Grosso do Sul

OMS – Organização Mundial da Saúde

PA – Projeto de Assentamento

PCPI – Professor Coordenador de Práticas Inovadoras

PROSOLO – Programa Integrado de Conservação de Solo

SED – Secretaria de Estado e Educação

SEDRU – Secretaria de Desenvolvimento Rural de Nioaque

SEDUC – Secretaria Municipal de Educação

SENAR – Serviço Nacional Aprendizagem Rural

SGDE - Sistema de Gestão de Dados Escolares

SRA/MDA - Secretaria de reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Formação do acampamento em 1997	34
FIGURA 02: Reunião em um dos barracos em 1999	35
FIGURA 03: Mudança do local do acampamento	36
FIGURA 04: Mapa do Assentamento Uirapuru	40
FIGURA 05: Imagem da escola criada em 17/12/1999	41
FIGURA 06: Sala de tecnologia da escola Uirapuru	43
FIGURA 07: Laboratório de ciências	43
FIGURA 08 e 09: EE Uirapuru - escola do campo criada em 2014	43
FIGURA 10: Saguão da EE Uirapuru	44
FIGURA 11: Quadra de esporte	44
FIGURA 12: Tanque de pesca para piscicultura na escola em construção	46
FIGURA 13: Trabalho de campo técnico agropecuário	46
FIGURA 14: Novos canteiros sendo preparado na E E Uirapuru	46
FIGURA 15: Horta na escola preparada pelo técnico do Senar	46
FIGURA 16: Plantio de feijão no espaço escolar	47
FIGURA 17: Preparação da terra para o plantio em 2002	48
FIGURA 18: Plantio de abacaxi em 2002	48
FIGURA 19: Pastagem de gado leiteiro e de corte no PA Uirapuru	49
FIGURA 20: Primeiras moradias do assentamento	51
FIGURA 21: Residências atuais	51
FIGURA 22: Posto de saúde	51
FIGURA 23: Rua principal da agrovila	51
FIGURA 24: Igreja Evangélica Pentecostal	52
FIGURA 25: Igreja Congregação do Brasil	52
FIGURA 26: Igreja Católica, anexa ao salão paroquial	52
FIGURA 27 e 28: Churrasco de comemoração do aniversário P.A. Uirapuru	53
FIGURA 29: Produtos na feira do assentamento	56
FIGURA 30: Estudantes assistindo filme no Clube do Cinema	75
FIGURA 31: Estudantes jogando Voleibol no Clube do Voleibol	75
FIGURA 32: Estudantes na Sala de Jogos	76
FIGURA 33: Sala de Jogos	76

FIGURA 34: Clube do Futebol de Salão	76
FIGURA 35: Jovem laçando o Boi Parado	77
FIGURA 36: Sr. Lucinei degustando o Arroz Carreteiro	81
FIGURA 37: Cavaleiros na Cavalgada	81

LISTA DE QUADROS:

QUADRO 1: As juventudes da pesquisa	27
QUADRO 2: Professores/as entrevistadas	29
QUADRO 3: Entrevistas com pessoas assentadas	30
QUADRO 4: Pessoas que atuam no/ para o assentamento	30
QUADRO 5: Estudantes matriculados na E E Uirapuru de 2019 a 2023	60
QUADRO 6: Estudantes matriculados na EJA de 2019 a 2023	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I	
O CAMINHO DA PESQUISA: DIÁLOGOS COM AS CATEGORIAS TEÓRICAS E AS METODOLOGIAS	20
1. Os referenciais teóricos da pesquisa: dialogando com as categorias centrais	20
1.2 A metodologia da pesquisa e as juventudes entrevistadas	26
CAPÍTULO II	
O ASSENTAMENTO UIRAPURU: SUA HISTÓRIA E ESTRUTURAÇÃO	33
2. A história da criação do assentamento Uirapuru	33
2.1 A organização das escolas	40
2.2 O assentamento no contexto da produção e de sua estrutura	47
2.3 As mulheres na organização do assentamento	54
CAPÍTULO III	
AS JUVENTUDES DO ASSENTAMENTO UIRAPURU: ENTRE INCERTEZAS E OS PROJETOS FUTUROS	57
3. A vida das juventudes que vivem no assentamento	57
3.1 Os projetos das juventudes que estão saindo	64
3.2 O problema das sucessões nos lotes: dialogando com familiares	66
3.3 As políticas públicas que garantem “ficar” no assentamento	70
3.4 O lazer no assentamento	73
CONCLUSÕES	84
REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

Na dissertação de Mestrado em Sociologia, optei por pesquisar a Juventude no Assentamento PA Uirapuru, localizado no município de Nioaque\MS, lugar onde estão assentadas 285 famílias em lotes da agricultura familiar, com cerca de aproximadamente 20 famílias agregadas na agrovila. Não escolhi este tema de forma aleatória, visto que pesquisar, analisar e escrever sobre a saída dos jovens do assentamento é um assunto que muito me inquieta, desde que me mudei para o assentamento PA Nioaque (Colônia Conceição), no ano de 1991, lugar onde inicialmente assumi um lote. Posteriormente, no ano de 1996, passei a atividade de servidora na escola EE Padroeira do Brasil, Nioaque –MS, desempenhando a função de merendeira. No ano de 2008 iniciei o curso de Licenciatura em Ciências Sociais, na UFGD, concluindo em 2012, um curso possível pela ação conjunta entre a UFGD e o PRONERA/INCRA. Com a graduação prestei concurso público e em 2014, ingressei como educadora na EE Uirapuru, do assentamento Uirapuru, o que me levou a assumir a gestão da escola, na condição de diretora designada pela Secretaria de Estado de Educação e logo no ano seguinte, permaneço gestora, eleita pela comunidade acadêmica, sendo reeleita nos anos seguintes por mais três mandatos. Dessa forma, naquele lugar sou assentada e lá vivo e atuo como educadora gestora na Escola Estadual Uirapuru – PA Uirapuru – Nioaque – MS.

Trazendo a memória para o ano em que cheguei no PA Conceição em 1991, onde iniciei minha trajetória, lembro-me que nos primeiros anos, havia muitas crianças e jovens, com famílias numerosas, era uma época em que a escola do assentamento contava com cerca de setecentos estudantes matriculados/as entre crianças e jovens. Atualmente, percebo o assentamento se esvaziando e a cada dia que passa a população se torna com mais idade e as escolas mais vazias, resultando no fechamento de salas. Esse movimento de esvaziamento indica que os/as jovens, principalmente as jovens, embora tenham nascido e crescido no assentamento, estão procurando cada vez mais alternativas de vida na cidade. Nesse sentido, a pesquisa objetivou identificar os motivos que, possivelmente, contribuem para as juventudes não permanecerem no assentamento PA Uirapuru, lugar onde atuo atualmente, partindo do pressuposto que a população do assentamento está ficando com idade avançada, e as juventudes saindo do assentamento para a cidade, em busca de melhores condições de vida.

Os motivos que empiricamente percebemos, inicialmente, foram da falta de trabalho e renda, seguida da escassez de espaços de diversão e lazer para as juventudes, motivando-as a abandonarem o campo. Associado a isso, as relações de sociabilidade entre os/as jovens que

nasceram e cresceram no assentamento, passaram a ser fortemente marcadas pela cultura de massa, que com sua forma dominante, vem influenciando a adotarem um modo de vida que os afasta da realidade do campo, tornando a cultura urbana a referência para seus projetos futuros.

Outra razão pela qual optei por este tema, foi por gostar muito de conviver e trabalhar com juventudes, paixão esta, que se intensificou desde 2014, quando assumi a direção da Escola EE Uirapuru, uma escola do campo de Ensino Médio parcial, que a partir de 2020 passou a ser oferecido o Ensino Médio em Tempo Integral e em 2023, passa oferecer o Ensino Fundamental ano finais em Tempo Integral. Fascina-me olhar para os/as jovens e imaginar no que estão pensando, o que sonham, quais seus projetos futuros, sabendo o quanto mudam de ideia a cada momento e o que pensam hoje, amanhã é passado. Seus projetos de vida a cada dia se modificam.

Paralelo a isso, existe a questão da saída dos jovens para as cidades. Tenho consciência que isso é uma tendência, não só local, mas em todos os assentamentos do país. Os jovens de fato, possuem muitas necessidades que somente o trabalho e renda no campo não são suficientes para sana-las. Porém, trabalhando na escola, posso perceber e sinto muita tristeza quando sei de uma ou um jovem que pede transferência do lugar, para buscar alternativas de vida nas cidades.

É este o momento em que gostaria muito de fazer algo para que esta ou este jovem permaneça no campo, isso porque, o campo, para mim é o lugar de vida, lugar onde me firmei, criei amor, eduquei meus filhos, não havendo nenhum lugar aonde eu gostaria de viver, além daqui. Vendo o esvaziamento do campo por parte da juventude, deixa um enorme sentimento de impotência, temo pelo futuro do campesinato, já que a comercialização de lotes se torna iminente, e uma só pessoa assume a posse de vários lotes, outros terminam arrendando para os fazendeiros plantarem lavouras e os assentados mudam para as cidades.

Diante disso, foi se construindo o interesse com a pesquisa, em levantar os motivos, que possivelmente podem estar contribuindo para esta realidade. Nesse sentido, a categoria sociológica de juventudes permeou minhas inquietações, para pensar o porquê os/as jovens não permanecem no assentamento P.A. Uirapuru, localizado no município de Nioaque-MS.

Na concepção de CASTRO(2013), a juventude é entendida como uma categoria. A pesquisadora recomenda que nas pesquisas com jovens se considere a diversidade da juventude, uma vez que os/as jovens são múltiplos, e independentemente da idade, se identificam como jovens. Por isso é preciso falar de juventudes. Com esse fio condutor de

pesquisa, buscamos inicialmente dialogar com as categorias, para entender o que vem a ser jovem rural. Para tanto a dimensão identitária do/a sujeito/a “jovem do campo”, em um espaço que constantemente se reconstrói, transforma agentes e redefine políticas públicas, como indica os estudos de CASTRO (2013).

Consideramos que para pesquisar juventudes é necessário refletir sobre os vários termos utilizados, que caracterizam os diversos períodos da vida: a adolescência, a puberdade, a mocidade. Para a OMS – Organização Mundial da Saúde, a adolescência abrange a idade de 10 a 19 anos, processo biológico onde se dá o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Já o processo de preparação dos/as jovens para assumirem o papel de adultos/as na sociedade, tanto na questão familiar, quando na questão profissional, assume uma categoria sociológica que se estende dos 15 aos 29 anos, conforme Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013).

Percebe-se, que de acordo com os diferentes espaços e contextos sociais o ser jovem se modifica, por isso, juventude não pode se resumir em um conceito único e de definitiva expressão. Groppo (2000, p.7) define juventude como uma concepção, representação ou criação simbólica “fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para dar significado a uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos”. De acordo com o autor, trata-se de representações simbólicas e situações sociais e não apenas de limites etários naturais e objetivos.

Alicerçada na concepção de juventudes, optou-se entrevistar aquelas do assentamento Uirapuru, em Nioaque, conforme apresentamos no capítulo I, levantando dados e procurando entender como as juventudes daquele assentamento percebem o campo, seus sonhos, seus projetos futuros em suas expectativas no assentamento ou fora dele, identificando como se dá a relação campo-cidade, bem como os elos que mantêm com o trabalho nos lotes e o trabalho na cidade. Nessa busca de informações, consideramos os contextos familiares meios para permanências e/ou intensificando das saídas dos lotes. Além das juventudes, buscamos ouvir professores/as da escola e também seus familiares, caminho ao qual detalharemos no capítulo I, quando evidenciaremos o campo da pesquisa e a metodologia utilizada no processo de levantamento e análise dos dados.

Para a organização da estrutura da dissertação compusemos um texto em capítulos, sendo no primeiro, com o título “O caminho da pesquisa: dialogando com as categorias teóricas metodológicas”, apresentado o caminho metodológico da pesquisa, que envolveu as juventudes com as quais dialogamos, bem como refletimos teorias que sustentam nossas

análises, apresentando o lugar da vida das juventudes, considerando suas múltiplas dimensões.

No segundo capítulo, intitulado “Assentamento Uirapuru em sua história e estruturação”, buscamos analisar a história de formação do assentamento, compreendendo como foi a luta para a chegada, sua organização para constituir o novo lugar, onde as juventudes iniciaram a vida, colocando as condições para a permanência e/ou saída.

O terceiro capítulo, nomeado “As juventudes do assentamento Uirapuru: entre incertezas e projetos futuros”, é apresentado o viver das juventudes que estão no assentamento, seus projetos, o problema da sucessão nos lotes, as políticas públicas que garantem o ficar no assentamento, na difícil incerteza futura.

CAPÍTULO I

O CAMINHO DA PESQUISA:

DIÁLOGOS COM AS CATEGORIAS TEÓRICAS E AS METODOLOGIAS

A finalidade do presente capítulo é de apresentar os referenciais metodológicos que conduziram nossa pesquisa. Para isso, elaboramos uma discussão sobre a categoria juventudes, que embasa nossas análises, Groppo (2000, p.7) define juventudes como uma concepção, representação ou criação simbólica, cunhada no movimento dos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para dar significado a uma série de comportamentos, atitudes e projetos a ela atribuídos. De acordo com o autor, trata-se de representações simbólicas e situações sociais e não apenas de limites etários naturais e objetivos.

Brandão (2006 p. 81) afirma que entre as diferentes interpretações teóricas sobre juventudes, há uma que não é vista a partir de marcos etário, nem como grupo ou categoria sociológica, que é aquela que considera os referenciais inerentes às representações e as atitudes, com centralidade na autonomia pessoal, construída nessa fase da vida. Neste sentido, juventudes, para o autor, é um processo de transição ou passagem, na construção social e subjetiva dos/as sujeitos/as.

Castro (2009) ao estudar as juventudes rurais concluiu que não é possível fazer uma análise das juventudes separada das dificuldades de seu dia a dia, pois os problemas que as envolvem são os mesmos da produção familiar. Neste contexto, se a produção familiar não detém importância devida, isso se aplica as pessoas envolvidas nesse processo, especialmente nas juventudes. Assim, a exclusão social é uma das marcas das juventudes brasileiras, haja vista a invisibilidade de suas demandas nas esferas públicas e também as difíceis condições de permanência do/a jovem no campo, sendo visto como pessoa em processo de formação e não como agente que atua em determinados espaços.

Castro (2013, p.??) ao pesquisar um assentamento rural do Plano Nacional da Reforma Agrária expressa que o ser jovem rural carrega o peso da “hierarquia de submissão, em um contexto marcado por difíceis condições econômicas e sociais para a produção familiar”. A autora (2009 p. 195) afirma que a “exclusão social é uma marca da juventude rural no Brasil, haja vista a invisibilidade de suas demandas nas esferas públicas, e também as difíceis condições de permanência dos jovens no meio rural”. Ela argumenta que:

A *juventude rural* no Brasil é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo, “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões, onde a categoria *jovem* é construída, e seus significados, disputados. A própria imagem de um *jovem* desinteressado pelo meio rural contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais (Castro, 2009, p. 182).

Silva (2015, p. 46), em pesquisa realizada em Mato Grosso do Sul com juventudes, explicita que na definição das juventudes está à questão da auto identificação, no princípio de que nos espaços rurais não é possível definir juventudes com base nos aspectos biológicos para delimitar quem é jovem ou não, havendo a necessidade de reconhecimento da diversidade que compõe a mesma.

Nesse mesmo sentido tem-se o trabalho de pesquisa de Costa (2012, p. 44), também com juventudes em Mato Grosso do Sul, trazendo a definição de juventudes com base nas distintas trajetórias das jovens mulheres e dos jovens homens. Segundo a autora, compreender suas multiplicidades e trajetórias “nos possibilita afirmar as diferenças presentes entre cada uma ou cada um. Respeitar as diversidades também implica reconhecer as juventudes e as gerações, construídas de diferentes maneiras, em diferentes contextos, com distintas possibilidades, dificuldades e perspectivas de vida”. Dessa forma, faz-se necessário entender o que vem a ser jovem rural. Para tanto é relevante partir da dimensão indenícia do/a “jovem assentado”, em um espaço que constantemente se reconstrói, transforma agentes e redefine políticas públicas.

Marschner (2011) destaca que a identidade “implica na capacidade de “dizer-se”, num processo que constantemente é reelaborado, manejando valores, estruturas simbólicas e representações sociais”. Tais processos, para Bourdieu (1996) e Moscovici (2007), compreendem constante construção da realidade, operada pelas pessoas, dentro de uma sociedade marcada pela conflitividade. Ainda, Marschner (2011, p.70, apud Fernandes, 2005), salienta que ao mobilizarem-se por uma política diferenciada no campo, as organizações do campo, reformulam a compreensão de seu espaço social, sendo este um momento histórico chamado de “Ressignificação do Campo”. Nesse bojo estão as juventudes.

Marschner (2009, p. 85) aponta que na redefinição dos espaços sociais, o dualismo cidade-campo precisa ser questionado. Para sua compreensão, torna-se necessário entender as nuances entre homogeneidade e heterogeneidade, igualdade e diferença, continuidade e descontinuidade. O que vem a determinar o espaço é o contexto das características naturais de cada lugar e também a memória e percepção do lugar de vivência de cada pessoa.

Percebe-se que parte dos/as jovens não consideram o assentamento como seu lugar de vivência, desejando concluir o Ensino Médio para mudarem, outros nem terminam o Ensino Médio, abandonando os lotes, pois acreditam que na cidade terão uma vida melhor. Queiróz (2019, p. 375), apresenta reflexões a respeito das consequências da expulsão do campo, ou seja, saída dos jovens do campo para a cidade dizendo:

A expulsão do campo traz consequências destrutivas à vida da juventude do campo, dentre as quais, destacamos: 1) perda da referência de seu território, de sua cultura, de suas famílias sociais, de suas comunidades; 2) abandono escolar, sendo a dificuldade para conciliar estudo e trabalho o principal obstáculo; 3) desemprego ou subempregos; e 4) acesso a drogas ilícitas. Nas cidades, geralmente as populações do campo vão morar nas áreas periféricas, tornando-se vítimas da rede de negócios ilícitos, desde a prostituição ao uso e comércio de drogas e até os negócios das armas; experiências que são compartilhadas ao retornarem ao campo.

Com a intensificação da saída dos/as jovens do assentamento para a cidade pais e mães ficam cada vez mais sozinhos/as no campo, uma vez que seus filhos/as, pela falta de trabalho no campo e a minimização do trabalho familiar, causado pela mecanização, procurando trabalho nas fazendas vizinhas, ou vão para a cidade, abandonando a vida de assentados/as. Nesse ficar e sair, são poucos os/as jovens que retornam, porém quem retorna o faz para ajudar seus familiares, e outros por razões pessoais, conforme observa Shanin (2008, apud. Paulino e Fabrini, p.39).

As dificuldades da vida agrícola têm mudado por causa da mecanização. Agora, o trabalho de muitos camponeses é fundamentalmente mecanizado. Então, a necessidade de realizar um esforço grande é menor. Mesmo assim, isso não acontece em todos os lugares, há variações etc. alguns jovens, mesmo apresentando boa escolaridade, preferem ficar nas vilas por motivos próprios.

Reforçando esta realidade, na medida em que a tecnologia avança assentados/as deixam de produzir seu próprio alimento de maneira simples, convencional e o manuseio da lavoura torna-se cada vez mais exigente, necessitando de máquinas modernas de modo que o uso do antigo arado, o plantio e a colheita manual, que exigiam a participação de toda a família e até mesmo a dos moradores/as, quando mantinham relações nas quais realizavam a troca de dias de trabalhos com a vizinhança, estão sendo substituído pelos tratores, semeaduras e colheitadeiras, necessitando assim, de menos mão de obra para a elaboração do trabalho no campo. Caume (2009, p. 39-40, apud Santos e Vale, 2012), explicam que:

A modernização agrícola beneficia uma pequena parcela de produtores do campo, sobretudo, aqueles que detêm capitais e cultivam produtos para

exportação, enquanto que ‘um número expressivo de agricultores familiares, incapazes de se inserir nas cadeias de integração agroindustrial e com baixa participação na produção agropecuária do país, se reproduzem em condições precárias’.

Ainda para explicar as dificuldades dos assentados/as Oliveira (2001, p. 189) destaca que “os camponeses do Brasil, precisam lutar em duas frentes, sendo uma a luta pela terra e a outra para nela permanecer”.

Silva (2004, p. 25) vem colocar que “O lugar define o pertencimento social, o enraizamento em um determinado território. Portanto, o território não diz respeito apenas ao espaço geográfico, físico, mas também o espaço simbólico que o envolve com significados da cultura e da vida social ali existente”. Para as juventudes, no entanto, com a transformação no campo em geral, ocorrida nas últimas décadas, o enraizamento, assim como o sentimento de pertencimento social vem se ressignificando. Com isso, mesmo com as dificuldades que venham a encontrar nas cidades, os/as jovens acreditam ser nelas o seu lugar, pois é lá que encontram tudo que a modernidade oferece para sua faixa etária.

A decisão do jovem em permanecer ou sair do meio rural, é influenciada por elementos objetivos e subjetivos. Os fatores objetivos são decorrentes da esfera material de produção e estão ligadas às dificuldades enfrentadas pelo jovem no acesso ao trabalho em atividades agrícolas ou não agrícolas. Os fatores subjetivos são construídos a partir das condições de vida no meio rural e sua identificação como sinônimo de atraso e de falta de oportunidades. Almejar novas oportunidades, ter acesso a bens e serviços faz parte do imaginário juvenil, tanto na cidade como no campo. Prevalece, no entanto, a suposição que a cidade é mais pródiga nessas facilidades. (santos, 2006, p.55)

A família nos assentamentos, de modo geral, apesar de ter passado por transformações nos últimos anos, ainda é estruturada em conformidade com o modelo patriarcal, cuja autoridade do homem sobre a mulher e os/as filhas ainda se faz presente. Todeschi (2011, p.115) aponta que ainda predomina a crença de que cabe aos homens a produção e às mulheres o trabalho reprodutivo, reforçando assim a divisão sexual do trabalho, pois perpassa pela cabeça de toda família, da sociedade, do Estado e da comunidade cultural a ideia de que é o pai quem define a vida de todos. Esse tem sido também mais um elemento que afasta as juventudes, porque não encontram nos lotes e/ou na gestão familiar, inserção para exporem seus desejos e projetos.

Caldart (2008, p.158) vem dizer que as tarefas específicas das educadoras e dos educadores da escola do campo são elementos importantes de resistência no campo, por isso, defende projetos e políticas de formação de educadoras e educadores do campo. Segundo a

autora (2002, p.83) “uma identidade é uma marca de pertencimento a um determinado grupo que se diferencia de outros, ou que se contrapõe a outros grupos, outros traços de cultura, outro jeito de ser”. Corroboramos desse pensamento, visto que a escola pode ser um espaço de acolhida dessas juventudes, não somente para a formação escolar, mas também para a valorização do trabalho e da vida no campo. No entanto, para que pertencimentos se consolidem, é preciso além da inclusão das juventudes no conjunto decisório familiar, haver atrativos na comunidade, dentre eles lazer.

Segundo Firmino (2011), o lazer nas comunidades do campo pode se manifestar nas comemorações das cidades, nas festas de igreja ou mesmo nos esportes de aventuras aproveitando o contato com a natureza. Também pode estar no simples caminhar cotidiano do sujeito do campo, pois no caminhar podem se inserir elementos de sociabilidade, fundamentais para o lazer. Cabe indagar se esse é o lazer que as juventudes buscam?

Bracht (2011, p. 96, apud, Firmino, 2011) analisa a importância do esporte, enquanto atividade de lazer, inserido no plano das políticas públicas culturais de lazer e integrado às outras políticas sociais, devendo ser prioridade nas intervenções do poder público. A vida das juventudes dos assentamentos também tem sido fortemente marcada pelo efeito do modelo de globalização excludente existente na atualidade, principalmente das informações que chegam de forma acelerada, incentivam o consumismo e criam necessidades cada vez maiores na vida dos/as jovens, o que de certa forma, impulsiona as juventudes a procurarem os centros urbanos em busca de renda, a fim de satisfazer essas necessidades.

Santos (2008, p. 39) aponta que na atualidade, as técnicas da informação são apropriadas por atores/as em função de interesses particulares, aprofundando a desigualdade, fazendo com que tudo aconteça de forma fabulosa, com intuito de convencer. A ideologia se insere nos objetos e apresentam-se como coisas, assim como as informações chegam de forma maquiada ao leitor, produzindo fábulas e mitos. Ainda, neste sentido, vejamos o que Camacho (2022 p. 46) tem a nos dizer:

Nosso período histórico está intrinsecamente, relacionado com o processo de globalização que atinge a todos em maior ou menor grau, transformando esse período histórico em um período diferente de tudo que foi vivenciado pela humanidade. Esse fato caracteriza a singularidade de nosso período histórico, pois a globalização é um processo que chega a influenciar desde o nível econômico até mesmo a subjetividade humana.

Os/as jovens do assentamento Uirapuru, assim como jovens de qualquer comunidade rural do Brasil, como do meio urbano, vêm se tornando a cada dia os principais focos da mídia e das propagandas que estão em favor da sociedade de consumo. Em Nioaque, estão

criadas relações de sociabilidade próximas, de forma que os/as jovens da cidade frequentam constantemente as festas e atividades realizadas no assentamento como: os bailes, os torneios de futebol, desfiles e outras festividades. Por outro lado, os/as jovens do assentamento estão frequentando a cidade em busca de divertimento, evidenciando, assim que suas identidades, hábitos e costumes se correlacionam. Percebe-se também que os/as jovens do assentamento são contratados no mercado de trabalho da cidade, tanto que há um número considerável deles/as empregados/as no comércio, sendo que a maioria é constituída de jovens que vão à busca de uma melhoria econômica, que não tem no assentamento. Além disso, por constituírem força de trabalho sem qualificação, em muitos lugares, especialmente naquele onde existe maior número de pessoas em busca de trabalho, passam a ser considerados/as como força de trabalho com baixa remuneração.

As relações de sociabilidade entre os/as jovens do assentamento e aqueles/as da cidade, são marcados pela forte cultura de massa, comum no meio urbano, influenciando esse/a jovem a adotar um modo de vida que a cada dia o/a afasta da realidade do assentamento. Desse modo, a cultura urbana torna-se referência para seus projetos futuros. Agregado a isso está a cidade, oferecendo além de trabalho e renda, maior possibilidade de diversão e lazer.

Quanto ao trabalho, grande parte dos/as jovens do Uirapuru mora no lote com familiares, sendo que alguns trabalham ou estudam na cidade, fazendo com que o assentamento passe a ser apenas o lugar onde dormem. Os/as que estudam na cidade, a maioria constituída de moças, declararam que a falta de renda no assentamento e o reduzido tamanho da propriedade é a razão principal para o deslocamento do campo para a cidade, o que faz com que em algumas vezes esses/as jovens vivam em constante conflito com sua identidade camponesa.

A maioria dos/as jovens de nossa pesquisa, como será apresentado no capítulo III, não considera como trabalho aquele que realizam na propriedade da família como: tirar leite, cuidar das criações, capinar, gradear, fazer cerca e outras atividades nos lotes. Para eles/as, essas atividades não são importantes, visto que não recebem remuneração pelas horas trabalhadas. Dessa forma, optam por procurar trabalhos nas usinas e nas fazendas vizinhas aos assentamentos, lugares onde passam a receber remuneração. Dessa forma, existe a concepção de que o trabalho só é considerado enquanto tal, se vir acompanhado de remuneração. Ocorre que a produção nos lotes, como veremos no capítulo II, passou por reorganização, saindo do cultivo de alimentos, para a pecuária, atividade que envolve menor número de pessoas. Com

essa mudança, não há a necessidade de muitas pessoas envolvidas, impulsionando parte delas a buscarem outros espaços de trabalho, especialmente ao constituírem suas próprias famílias.

As unidades de produção que incorporavam todos/as familiares, quando a produção era a agricultura em sua diversificação produtiva, o que requeria muitas mãos, ao passar por reorganização, inserida a pecuária, especialmente aquela de corte, passou a não mais comportar todos/as. Quando de crescimento do grupo familiar, a exclusão é ainda maior. Dessa forma, como analisaremos adiante, existe uma conjugação de fatores que impulsionam a saída das juventudes, envoltos em fatores internos e externos das unidades, especialmente aqueles relacionados aos conflitos decorrentes da sucessão de patrimônio, bem como de reorganização produtiva, associados ao desejo de acesso às novas tecnologias e de projetos pessoais.

Os/as jovens que se deslocam para as cidades, como analisaremos no capítulo III, são em sua maioria as moças, que no meio urbano assumem trabalhos como empregadas em casas de famílias e/ou no comércio local. No caso dos moços, as fazendas e usinas são os lugares mais procurados, tanto que é comum encontrar jovens do assentamento, tanto meninos, quanto meninas empregadas no comércio da cidade de Nioaque, Aquidauana e Sidrolândia.

1.2. A metodologia da pesquisa e as juventudes entrevistadas

O trabalho de campo, no levantamento de dados, bem como nas análises dos mesmos, seguiu pela abordagem qualitativa e por isso constituiu-se um processo gratificante para compreensão e interpretação da prática docente e para a minha como educadora na escola do assentamento. Entretanto, uma pesquisa qualitativa é sem dúvida um trabalho desafiador e prazeroso.

Para o levantamento dos dados da pesquisa entrevistamos as juventudes e as pessoas com as quais elas convivem, dentre elas, pais, mães, professoras, professores, além pessoas ligadas ao poder público municipal, como aquelas responsáveis por duas Secretarias Municipais, a da Educação e da Cultura. Procuramos entender como a gestão do município se preocupa em manter ou não os/as jovens no campo, principalmente em criar políticas públicas municipais voltadas para permanência dos/as jovens no assentamento. Diante disso, realizamos levantamento, tanto através da observação empírica, quanto através das entrevistas com fontes orais, pautadas por um roteiro com perguntas abertas com moradores do assentamento, juventudes e pessoas que atuam em prol de melhoria do assentamento. As

entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente, apresentadas para o consentimento das pessoas entrevistadas.

Quanto às juventudes, entrevistamos 13 jovens (06) jovens mulheres e (07) jovens homens, sendo 08 que vivem nos lotes do assentamento Uirapuru e 05 jovens que já deixaram o assentamento, e atualmente moram nas cidades, trabalhando em diversos setores comerciais, principalmente nos supermercados. No quadro abaixo apresentamos as juventudes com as quais dialogamos, com relatos que mostraremos especialmente no capítulo III, cabendo destacar que por serem jovens, que em sua maioria possuem idade inferior a 18 anos, omitimos seus nomes e procuramos usar indicadores alfabéticos para nomeá-los/as, preservando suas identidades, assim como borramos os rostos dos (as) jovens nas imagens constante no item 3.4, (procedimento que adotamos mesmo com aqueles/as acima de 18 anos). Da mesma forma, tomamos cuidados teóricos e técnicos com seus relatos, nos guiando por um referencial embasado na relação de respeito e responsabilidade que deve haver entre entrevistadora e entrevistado/a. Vejamos as juventudes com as quais dialogamos:

QUADRO 1 – AS JUVENTUDES DA PESQUISA

Jovem	Idade	Série Escolar	No assentamento	Deixou assentamento
A. Fem.	14	1ª EM	X	
B. Masc.	14	1ª EM	X	
C. Masc.	17	3º EM	X	
D. Fem.	15	1º EM	X	
E. Masc.,	17			X
F. Fem.	17			X
G. Masc.	18			X
H. Masc.	18			X
I. Masc.	15			X
J. Masc.	16	2º EM	X	
K. Fem.	16	2º EM	X	
L. Fem.	17	3º EM	X	
M. Fem	17	3º EM	X	

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Com as juventudes que permanecem no assentamento, estudantes da escola do assentamento Uirapuru, realizamos as entrevistas com a perspectiva de entender como percebem a escola, a vida no lugar, planos futuros, seus anseios, perspectivas com o futuro, seus sonhos, projetos de vida, sua satisfação com a escola, a cultura, o lazer, a relação existente entre assentamento e a cidade. Com aqueles/as que saíram dos lotes buscamos

compreender as principais razões pelas quais esses/as jovens foram para as cidades, reorganizando nosso próprio olhar, aquele da observação empírica, percebemos que são várias as razões pelas quais deixaram o assentamento. Queiróz (2019, p. 374), pesquisando os jovens do campo para elaboração de tese de doutorado, nos faz a seguinte observação:

A luta pela permanência da juventude do campo, no campo, parte da reivindicação ao acesso a terra por meio da Reforma Agrária para a regularização das terras dos povos e comunidades tradicionais e povos indígenas: por criação de políticas públicas que incentivem a permanência dos jovens do campo com inclusão digital, transporte público, acesso à produção e fruição cultural, geração de renda, tecnologias para a produção e, em especial, para a produção agroecológica, assistência técnica, crédito e comercialização; pela garantia de formação no âmbito da educação escolar, nível técnico, superior e pós-graduação no campo.

A autora destaca que a falta de alternativa no campo, programada pelo capital, empurra os/as jovens a uma lógica idealista sobre oportunidade da vida na cidade, levando-os/as a acreditarem que na cidade teriam vida melhor, promissora e emprego. Porém, a realidade mostra que o “lugar” ocupado pelos/as jovens na cidade, após o processo migratório, é tão excludente quanto o “lugar” de origem.

Visando fazer um paralelo entre os/as estudantes matriculados/as atualmente e o número existente no início do assentamento, assim como no quantitativo de estudantes que se matriculam no início do ano e os que abandonam a escola no decorrer do ano letivo, entrevistamos a pessoa responsável pela secretaria da Escola Estadual Uirapuru e da Escola Municipal 03 de Dezembro do assentamento, na perspectiva de entender a rotatividade de estudantes com dados documentais, fornecidos pela secretaria do município.

Entrevistar professoras e professores representou buscar suas experiências com as juventudes do assentamento, especialmente aquelas que passam pela escola, compreendendo a importância da instituição como elemento que mantém a permanência dos/as jovens no lugar. Diante disso, entrevistamos 02 Professoras e 01 Professor da Escola Estadual Uirapuru (Ensino Médio), 01 Coordenador Pedagógico da mesma escola, bem como professores/as da Escola Municipal 03 de dezembro, sendo: 01 Professora, 01 Professor, e 01 diretor. Vejamos quem são essas pessoas.

QUADRO 2 – PROFESSORES/AS ENTREVISTADOS/AS

Nome	Escola atuação	Função	Idade	Escolaridade
Paulo Pereira da Silva	EE Uirapuru	Coordenador Pedagógico	46	Nível Superior

Levi Almeida Torres	EE Uirapuru	Professor	42	Nível Superior
Valmir Francisco dos Santos	EM 03 dez	Professor	48	Nível Superior
Clarice Viscardi	EE, Uirapuru	Professora	38	Nível Superior
Marielly Santos	EE, Uirapuru	Professora	27	Nível Superior
Adolfo Arruda Cuba	EM. 03 dez	Diretor	54	Nível Superior
Maira Rosana Arruda	EM. 03 dez	Professora	52	Nível Superior

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Nas entrevistas com docentes buscamos perceber se os/as educadores/as possuem formação específica para as escolas do assentamento, e quais as estratégias metodológicas utilizadas por escolas que visam à permanência dos/as estudantes no campo, assim como, se existe fortalecimento da identidade dos/as jovens e das crianças. Santos e Lima (2020, p.3), dizem que:

É de extrema importância que o docente atuante na educação do campo tenha uma formação específica para seu campo de atuação, seja ela baseada em princípios da formação inicial ou continuada, possibilitando ao profissional como também ao discente novas oportunidades e garantindo também seus direitos de aprendizagem articulados com a BNCC e consequentemente seu currículo, de forma efetiva.

Com o entendimento de que uma gestão familiar compartilhada entre pais, mães e filhos/as, a compreensão e o respeito no núcleo familiar também são estímulos para permanência do/a jovem no campo, , buscando levantar elementos que nos levassem a compreender a dinâmica do ficar ou sair dos/as jovens. Realizamos também entrevistas com 03 pessoas assentadas, que fizeram parte da história do Uirapuru para compreender o processo de formação do lugar, totalizando 08 entrevistas com assentados/as, sendo elas:

QUADRO 3 – ENTREVISTAS COM AS PESSOAS ASSENTADAS

Nome	Estado Civil	Idade	Número Filhos	Familiar
Lucinei Romero Maidana	Casado	46	02	Pai
Elza Ferreira de Matos	Casada	53	04	Mãe
Jorge Fernandes Lemes	Casado	52	02	Pai
Edna Garcia	Casada	56	03	Moradora
Martinho Bulhões	Casado	62	04	Morador
João Alves dos Santos	Casado	52	04	Morador
Doralice Elesbão	Casada	62	04	Moradora
Mariita Romero Goes	Casada	36	02	Mãe
Sônia Tereza P Bastos	Casada	44	02	Mãe
Márcia Flores	Solteira	46	04	Mãe
Vera Maria P. Mendes	Casada	38	03	Mãe

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Entrevistamos ainda, 07(sete) pessoas que atuam no assentamento, com ações que visam potencializar atividades em prol do assentamento, parte delas da gestão pública municipal, sendo:

QUADRO 4 – PESSOAS QUE ATUAM NO/PARA O ASSENTAMENTO

Nome	Instituição	Cargo
Luiz Fina	Secretaria de Desenvolvimento Rural	Secretário
Gilda Romualdo	Secretaria Municipal de Educação	Técnica
Milton Silvério da Silva	Agraer – Nioaque	Técnico
Valdenir Angelo dos Santos	Associação Moradores Nações Unidas	Presidente
Josuel Pereira da Silva	Associação dos Produtores Rurais Pa Uirapuru	Presidente
Marilaine Mendonça Viana	Associação das Pequenas Produtoras Rurais do PA Uirapuru	Presidente
Gualter de Lima Gomes	E.E Uirapuru	Secretário

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Com a Secretaria de Esporte e Cultura do Município de Nioaque buscamos compreender quais as políticas públicas municipais voltadas para o esporte, ofertadas às juventudes do assentamento que visem à permanência, partindo do pressuposto que o esporte é um importante meio de socialização, devendo a prática esportiva ser incentivada pelo poder público municipal. A questão do lazer, assim como do convívio social nos assentamentos, são elementos fundamentais para assegurar a permanência dos/as jovens no assentamento, aspectos que asseguramos como temas nas entrevistas com os/as jovens, a fim de compreender se esses fatores pode ter influência na sua saída do assentamento para a cidade, elementos que apresentaremos no capítulo III. Esse também foi o fio condutor da entrevista com técnico da AGRAER e de outras secretarias, buscando entender como estão as políticas públicas para o assentamento.

A reflexão de Velho (2006, p.194) destaca que “diversos trabalhos de Antropólogos brasileiros contemporâneos tem lidado com o campo de possibilidades em que os jovens se movem e nos quais elaboram seus projetos e desenvolvem suas trajetórias sociais”. Dessa forma, um dos temas centrais é a família, sendo na socialização e na relação com familiares e/ou no universo de parentesco em geral, onde ocorre o processo de construção identitária.

Bracht (2011, p. 96, apud Firmino, 2011) diz que ”o esporte enquanto atividade de lazer deve, em nosso entendimento, ser a prioridade nas intervenções do poder público no setor. Nesse sentido ele precisa ser entendido como um elemento de cultura/lazer e ser inserido no plano das políticas culturais de lazer e como tal estar integrado às outras políticas

sociais”. Entendemos que as boas condições de vida, infraestrutura adequadas como: postos de saúde, salões comunitários, igrejas, campos de futebol, escola de qualidade, transporte coletivos para o deslocamento de pessoas à cidade, assim como o lugar de morada, tamanho das propriedades, composição familiar, a produção do núcleo familiar, são fundamentais para a discussão sobre as juventudes. Entendemos as entrevistas como importantes suportes da pesquisa, trazendo elementos da realidade vivenciada pelos/as entrevistados/as, visto que conforme Queiroz (1988, apud Rigoto, 1998, p. 118),

Possibilitam que façamos a abordagem (...) Colhida por meio de entrevistas de variadas formas, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo. A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, *mas* também recolhem destas tradições, mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo. (Pereira De Queiroz, APUD Rigotto, 1988, p.118).

Ainda, de acordo com Queiroz (1988, apud Rigoto, 1998, p. 118), registrar a história das pessoas pela via oral é fundamental,

[...] se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual. Do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence. (...) Este (o entrevistado) é quem determina o que é relevante ou não narrar, ele é quem detém o fio condutor" (Pereira de Queiroz, Apud Rigotto 1988, p. 119).

Para o enriquecimento da pesquisa, incluímos imagens, fotografando os fatos presentes, bem como registros imagéticos antigos, retratando momentos históricos, na perspectiva de apresentar o antes e o depois do assentamento Uirapuru. Segundo Loizos (2002, p.137) a fotografia, quando adequadamente atestada, quanto ao tempo, lugar e circunstância, pode trazer poderosa evidência e valor, podendo ser de lugares, árvores, corpo humano.

Assim, para entender as juventudes do Uirapuru é importante que se conheça também a história do lugar, no que se refere ao processo de criação do assentamento. Para tanto, construímos a história do assentamento a partir dos relatos de moradores/as considerados/as como arquivos vivos da memória do assentamento Uirapuru, e apresentamos na sequência, na primeira parte do próximo capítulo.

CAPÍTULO II

O ASSENTAMENTO UIRAPURU: SUA HISTÓRIA E ESTRUTURAÇÃO.

Não é possível falar das juventudes do assentamento Uirapuru sem antes apresentar o lugar da pesquisa. Dessa forma, a finalidade desse capítulo é de tecer considerações sobre esse, onde as juventudes vivem e/ou viveram e partiram para a cidade. Para isso, na primeira parte, analisamos a história da criação do assentamento Uirapuru. Na segunda parte do capítulo, refletimos sobre a estruturação do assentamento com o passar dos tempos, atentando para a organização existente nos dias atuais.

2. A história de criação do assentamento Uirapuru

Para construir o percurso da história do assentamento Uirapuru buscamos dialogar com algumas pessoas que fizeram parte sua história de formação, sendo quatro delas: o Sr. Jorge Lemes Fernandes que aceitou relatar a história da criação do Uirapuru, ele um dos principais lutadores pela conquista da terra, fazendo parte da história, foi também vereador no município de Nioaque e, nessa condição, viabilizou lutou para a vida dos assentados. O Sr. Jorge ainda reside no assentamento e pode-se dizer que ele é um arquivo vivo da história.

Outra assentada entrevistada foi a Sra. Edna Jorge Garcia, a qual ainda residente no assentamento. Entrevistamos ainda o Sr. Martinho Bulhões, que foi liderança de grupo na fase de acampamento, assim como presidente de associação de moradores, cujo objetivo era lutar por melhoria no acampamento e depois no assentamento. A quarta pessoa que nos falou sobre a história do assentamento foi o Sr. João Alves dos Santos, que também participou como coordenador de grupo de famílias e ainda reside no assentamento.

Ao entrevistar o Sr. Jorge percebemos a satisfação dele ao falar da luta pela conquista do assentamento e de sua participação ativa. Através de suas narrativas tivemos acesso aos acontecimentos vividos, que nos remeteram aos pensamentos de Bauer (2002, p.91):

[...] Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso e jogam com uma de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar história implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.

A história está viva na memória do Sr. Jorge, que aos poucos, em sua fala, foi organizando os acontecimentos, começando pelo tempo de acampamento, no momento da luta inicial, que antecedeu a conquista da terra, por ele assim relatada:

Iniciamos nossa história acampados na BR 419, próximo à ponte Rio Nioaque, através do sindicato dos trabalhadores de Nioaque MS. O acampamento iniciou-se no dia 26 de dezembro de 1997, as margens da BR 419, com aproximadamente 300 famílias. O objetivo era desapropriar a Fazenda Minuano para assentamento. No entanto a Fazenda era produtiva e não poderia ser desapropriada, porém não desistimos, lutamos até conseguirmos a terra. (Fernandes, entrevista gravada em novembro de 2022).

O relato do assentado permite a interação com as imagens a seguir, cedidas por uma de nossas entrevistadas, possibilita visualizar os primeiros anos do assentamento, ainda na etapa do acampamento:

Foto 01: Formação do acampamento no ano de 1997, com construção dos barracos.



Fonte: Foto cedida pela assentada Edna Jorge Garcia, por ela registrada em 1997, retratando o acampamento na BR 419, próximo ao Rio Nioaque, apresentada para nossa apreciação, com autorização de uso em 25 de novembro de 2022.

Foto 02: Reunião em um dos barracos, no ano de 1999.



Fonte: Foto cedida pela assentada Edna Jorge Garcia, por ela registrada em 1997, retratando o acampamento na BR 419, próximo ao Rio Nioaque, apresentada para nossa apreciação, com autorização de uso, em 25 de novembro de 2022.

De acordo com os relatos do Sr. Jorge, para a organização do acampamento foram formados 10 grupos, contando com 03 lideranças, sendo uma para cada grupo de famílias, que somavam um total geral de 300 famílias acampadas, todas filiadas no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nioaque, MS. À época, o Sr. João Élcio era o Presidente do Sindicato. Após diversas reuniões entre INCRA e pessoas demandantes de terras, no mês de maio de 1998 foi marcada uma assembleia geral no acampamento, às margens da BR 419, reunindo os acampados/as e como era uma ação sigilosa, somente Sindicato e lideranças sabiam o local da Fazenda. Na assembleia foi evidenciado que haviam conseguido a terra prometida e de boa qualidade.

Naquela época o prefeito de Nioaque MS era o senhor Noé Nogueira Filho, que no exercício do que requer a função de um gestor municipal, deu apoio à formação dos acampamentos, até a criação do assentamento. Vejamos imagem do dia da mudança.

Foto 03: Mudança do local de acampamento, para um novo local.



Fonte: Imagem da mudança das famílias, saindo da BR 419 para o novo acampamento, próximo à Fazenda Uirapuru. Fotografia registrada pela assentada Edna Garcia, no ano de 1998 e cedida por ela com autorização de uso para nossa pesquisa, em 25 de novembro de 2022.

Como estratégias, no ato de instalar o acampamento, as famílias se dividiram formando três acampamentos, que abrangiam diversas partes próximas à fazenda, no sentido de vigiar e garantir a tão sonhada terra. E assim, um grupo ficou na estrada do PA Sta. Guilhermina, as margens da BR 060, denominado grupo Sta. Amélia; outro grupo ficou no início do P.A Sta Guilhermina, ao lado do lote 01, no início da área da fazenda. Já os grupos Conceição, Colônia Nova e os demais grupos ficaram acampados na reserva da Serra Morena. Dessa forma, os acampamentos circundavam boa parte da área da fazenda, como a demarcar o acesso àquelas terras.

Após diversas idas e vindas ao INCRA de Campo Grande e à Unidade Avançada de Jardim MS, as lideranças do grupo conseguiram que o INCRA definisse a data para o cadastro e a seleção das famílias acampadas. No mês de setembro de 1998, iniciou-se o cadastro. Foram 15 dias para que uma equipe de 08 funcionários realizasse o cadastro e análises das aptidões de cada acampado demandante de terras. Após 30 dias, os resultados de cada grupo foram divulgados e, no geral, 20% não apresentaram aptidões, diante da falta de documentações, sendo oportunizados 60 dias para regularizarem a documentação exigida, quando a maioria conseguiu comprovação e aptidão para receberem sua sonhada terra.

O período de negociações das terras e a seleção de famílias levaram exatamente doze meses e, assim, as famílias saíram do local onde estavam acampadas e adentraram a fazenda.

Antes de deixar a área, o fazendeiro retirou cercas, o curral, a casa de cocho e a madeira de lei e estava transportando para uma propriedade adquirida por ele nas proximidades de Boqueirão, próximo à Jardim MS (a venda da fazenda de Nioaque, para fins de reforma agrária, possibilitou ao latifundiário a compra de outra fazenda). Para as famílias acampadas, até então, de acordo com as informações do Sr. Jorge, já havia uma esperança real da conquista da terra prometida, visto que já estavam acampadas nas terras que seriam deles.

Nos primeiros meses de acampamento, para sobreviverem, as famílias recebiam uma pequena cesta básica fornecida pela assistência social, através da gestão municipal, que todo mês enviava um caminhão para distribu-las às famílias acampadas. Na organização do acampamento havia o consenso de que quem estava trabalhando, doaria a sua cesta para aquelas famílias que não haviam conseguido trabalho. Apesar das dificuldades, a solidariedade nunca os abandonou e até desenvolveram relações de confiança com o proprietário das terras onde estavam acampados/as, o qual contratou mais de 30 pessoas para trabalho na própria Fazenda Uirapuru. Essa situação foi vista como benefício, devido à situação de necessidade que as famílias acampadas viviam.

As relações amistosas entre acampados e o proprietário da área indicam que a espera pela desapropriação das terras era algo desejado por ambas as partes, pelas famílias e também pelo dono das terras, o que aponta para elementos que podem suscitar novas pesquisas, especialmente aquelas sobre o processo de formação de assentamentos, aspectos que não trataremos no presente trabalho. Corroborando com esse pensamento temos a investigação de Delboni (2017) ao refletir sobre essa situação em área de outros dois assentamentos de Mato Grosso do Sul.

O fato é que no dia 20 de agosto de 1999, a liderança, com apoio do prefeito de Nioaque, que também os acompanhou na viagem para Brasília, protocolaram um baixo assinado elaborado pelo Sr. Jorge e assinado por todas as famílias do acampamento. No documento demandavam do INCRA que as famílias do grupo que seriam assentadas nos lotes do Uirapuru não passassem pelos critérios exigidos pelo INCRA, que era de pontuação por quantidade de filhos/as, mas que fossem selecionadas exatamente as famílias que lá estavam acampadas.

Nesta luta obtiveram êxito, sendo definida a Relação de Beneficiários, em novembro de 1999. No dia 28 de novembro de 1999 foi marcada uma reunião no INCRA de Jardim MS, e foi concluída a relação de 285 famílias selecionadas para o Assentamento Uirapuru, sem

passarem por critérios de pontuação exigidos pelo INCRA, e sim todas as famílias que acreditavam no sonho da terra tão sonhada.

Os sorteios dos lotes foram marcados para o dia 3 de dezembro de 1999. Este, com certeza, o dia mais feliz para todas as pessoas acampadas que tanto sofreram e sonharam com a conquista do “pedaço de terra”. Nada foi fácil, mas sabiam que as grandes conquistas nascem das lutas. Para conquistarem aquelas terras, as lideranças realizaram 104 reuniões no INCRA em Campo Grande- MS, uma viagem a Brasília e outra no INCRA em Jardim MS.

A Sra. Edna Garcia fez parte da história do acampamento na BR 419. Ao dialogar com ela sobre a época, disse que foi acampada com as famílias, e seu barraco estava localizado ao lado daquele do Sr. Jorge Leme.

Não sofria por viver embaixo de lonas, pois tinha muita esperança e certeza que conseguiríamos a terra, mas antes da conquista tive que abandonar o acampamento, para acompanhar meu esposo de quem hoje estou separada. Por essa razão não peguei o lote, porém, há quatro anos consegui comprar um lote no assentamento, desses que desistiram. Hoje sou uma mulher feliz, pois tenho minha terrinha, criações que aos poucos vai aumentando, uma boa casa e uma vida sossegada.

No depoimento de Edna está presente o domínio masculino, visto que ela liderava as negociações para a obtenção de terras, de uma terra por ela desejada. No entanto, esse não era o projeto de seu esposo naquela época e ao sair do lugar, ela partiu com ele. Retornou em 2014, e não mais casada decidiu sobre sua vida e retomou seu projeto inicial

O Sr. João Alves dos Santos, participou do processo de luta pela a terra, desde o primeiro acampamento na BR 419, em sua fala sintetiza o sofrimento pelo qual passou:

Quando entrei para o acampamento, não tinha a menor experiência em ser acampado, mas cheguei do Norte de Alagoas, direto para o acampamento, pois lá eu e minha família vivíamos uma vida miserável, não tínhamos nada. Me disseram que aqui estavam formando esse acampamento, e então viemos, mas tinha que ficar no barrado de lona para conseguir a terra. Então uns parentes acolheram e deram trabalho doméstico para minha esposa e eu fiquei no acampamento. A prefeitura mandava uma cesta básica que eu mandava para minha família e fazia alguns trabalhos na Santa Guilhermina para sobreviver. Foram momentos muito difíceis, porém persisti e conseguimos. Hoje posso dizer que vivemos com dignidade, não precisamos mais de ajuda do poder público para sobrevivermos. (Entrevista gravada em 22 de abril de 2023).

Para ele, o acampamento representava sair da vida miserável e de pobreza em que viviam no Norte do Alagoas e lutar por uma nova vida. Para tanto era fundamental persistir, pois a conquista da terra traria dignidade e cidadania para ele e sua família. O Sr. Martinho Bulhões, em sua entrevista demonstra a dificuldade na época de acampamento, era uma

grande responsabilidade ser líder de grupo de famílias, pois precisava além de lutar com as outras lideranças pela conquista da terra, teria que lutar por alimentos para as famílias acampadas, que confiavam nele como liderança do grupo. Isso é evidenciado em sua fala, quando rememora o período de acampamento e depois da luta para sobreviverem, após entrarem para o assentamento conquistado:

Comecei na Br 419, próximo a Nioaque. Liderava um grupo de 22 famílias. Como Liderança, também, acompanhei todas as negociações da venda da fazenda. Na época, o Superintendente do INCRA era o Sr. Paulo Afonso, que nos recebeu diversas vezes nas negociações com o fazendeiro. Quando tudo deu certo e conquistamos a terra, veio outra luta que foi a sobrevivência na terra nova. Enquanto acampados recebíamos cestas básicas para o sustento das famílias, mas depois que entramos para o assentamento, cortaram tudo. Não tínhamos nenhuma ferramenta para trabalhar na terra, entramos só com a vontade de vencer. Tínhamos que sair do assentamento e trabalhar nas fazendas vizinhas, oito meses depois, recebemos o fomento no valor R\$ 1.500,00 para comprar ferramentas de trabalho e depois o governo Federal libera R\$ 9.500,00, devolvido posteriormente para construir casa. A partir de 2002, assumo a Associação, onde como Presidente, na perspectiva de melhorar a vida dos assentados, lutei por estradas, energia, posto de saúde, onde recebi a chave do assentamento e muitas melhorias, (Martinho Bulhões. Entrevista gravada em 25.04.2023)

O Sr. Martinho sente prazer em falar da luta pela conquista do Uirapuru, demonstrando orgulho por ter feito parte da história e ter contribuído. O assentamento foi à concretização do sonho de cada família, pois sabiam que a terra lhes pertencia e ali poderiam viver e reconstruírem suas vidas. Nesse sentido corroboramos com Terra (2019, p.200), quando diz: “Por constituir um território conquistado, o assentamento representa a reterritorialização para os trabalhadores rurais, independentemente do grau de envolvimento de cada família na luta pela conquista da terra.”

Enfim, o dia 03 de dezembro ficou marcado como a data de aniversário do assentamento, sendo dia de festas para todos assentados, muitos, até os dias atuais doam vacas, novilhas, refrigerantes e organizam uma grande festa, com muita comida em que todos comparecem no salão da comunidade, contando com convidados da cidade, para comemorarem o dia especial que ficou na história do assentamento. Vejamos o mapa do assentamento na composição de sua área, com a divisão dos lotes.

se concretizar com as ocupações e hoje com os assentamentos, em busca de uma sonhada reforma agrária.

No diálogo com o diretor da Escola Municipal 03 de Dezembro, Adolfo Arruda Cuba (25.04.2023), em sua narrativa diz: “A primeira preocupação após receberem os lotes foi com educação escolar das crianças. Para isso, edificaram escolas para abrigar estudantes. Havia muitas crianças no período do acampamento, as quais estudavam na escola do assentamento Sta. Guilhermina, vizinho do Uirapuru e para onde convergiam as crianças em idade escolar desde a etapa em que estavam no acampamento”.

Quando houve o sorteio de lotes, com a instalação do assentamento Uirapuru, teve-se a necessidade de construir a própria escola. Isso ocorreu com ajuda de alguns pais de estudantes, eles improvisaram uma escola na sede do assentamento, que passou a ser extensão da Escola Sta. Guilhermina. Finalmente, em 17 de dezembro de 1999, através da Lei Municipal 1064/1999, foi criada a escola denominada Escola Municipal 3 de Dezembro, no PA Uirapuru-Município de Nioaque. Neste ano, com a criação da escola, os alunos/as do assentamento passaram a ser atendidos/as pela Prefeitura Municipal de Nioaque MS, através da Secretaria Municipal de Educação – mandato do Prefeito Noé Nogueira Filho –, sob a direção da Professora e Diretora, Senhora Fátima Cristina Carbonaro. Na época, nos primeiros anos de formação do assentamento, chegou-se a mais de 400 crianças estudando na Escola Municipal 3 de Dezembro.

Foto 05: Imagem da escola criada em 17 de dezembro, de 1999



Fonte: Fotos do Acervo da escola, cedida em 05.12.2022, pelo Diretor da escola 03 de dezembro: Adolfo Arruda Cuba.

Atualmente, no que se refere à educação escolar, o assentamento conta com duas instituições de ensino: a Escola Municipal 03 de dezembro, na qual estão matriculados 117 estudantes, contando com 23 docentes e a Escola Estadual Uirapuru para estudantes do Ensino Médio em Tempo Integral, e possui 90 estudantes matriculados e com atuação de 16 docentes.

Trazer aspectos da Escola Estadual Uirapuru é importante por se tratar da escola onde se encontram as juventudes com as quais dialogamos. Essa escola nasceu de muita luta dos assentados/as, por uma escola própria no assentamento, que atendesse os/as jovens do Ensino Médio, pois no início do assentamento estudavam em uma extensão da Escola Estadual Padroeira do Brasil – Nioaque –MS.

Para as aulas, os/as jovens estudavam embaixo dos pés de manga existentes na agrovila do assentamento e, posteriormente, em um barracão cedido pela comunidade, sem a menor estrutura física,. Os/as professores/as se deslocavam da cidade e quando chovia ou fazia muito frio, faltavam às aulas, o que levava os/as estudantes do Ensino Médio a um baixo nível de aprendizado.

Em 2014 foi criada a Escola Estadual Uirapuru através do decreto 13.966 de 20.05.2014, o seu funcionamento foi autorizado através da Resolução SED/2.886 de 21.07.2014 na modalidade Escola do Campo. É uma escola ampla com 13 salas de aulas, atendendo os/as estudantes do ensino fundamental pelo município, através de convênio firmado entre estado e município para estudantes do ensino médio em tempo integral.

Para atendimento aos estudantes do Ensino Médio, além das salas de aula, a escola possui ampla sala de informática, com PCPI- Professor Coordenador de Práticas Inovadoras, atendendo estudantes e também pessoas da comunidade, uma vez que esta sala de tecnologia é o único espaço tecnológico dentro do assentamento. Possui também uma biblioteca que está em processo de revitalização da estrutura e do acervo. Os/as próprios/as estudantes têm assumido a pintura da sala, além de pedir doações de livros para compor o acervo.

A escola possui uma sala para descanso para após o horário do almoço. Há também uma professora de Convivência e Socialização, um Laboratório de Ciências que foi adaptado pela escola, com laboratório móvel, kit de robótica, microscópio e todo material necessário para pesquisa científica. Segundo a Professora de Química Emanuele Paola Goulart, o laboratório de ciências é o espaço da escola em que os/as estudantes se sentem mais motivados/as, pois adoram as experiências científicas que ali realizam, com acompanhamento da professora de química e biologia. Vejamos algumas imagens:

Foto: 06 - Sala de Tecnologia da EE Uirapuru. Foto: 07 - Laboratório de Ciências da Escola.



Fonte: Fotos registradas pelo Professor Mizael Martins, em 09.09.2023, cedidas e autorizadas na mesma data.

Cabe destacar que todas as dependências da escola, utilizadas pelos/as estudantes do Ensino Médio, possuem aparelhos de ar condicionado, adquiridos através de emenda parlamentar. Além disso, todos os ambientes da escola possuem acesso à internet, embora nem sempre o sinal de internet seja suficiente para todos/as, dada a quantidade de acesso. Vejamos mais algumas imagens da escola:

Foto 08 e 09 – EE Uirapuru – Escola do Campo criada em 2014



Fotos registradas em 05.09.2023 pela pesquisadora e autorizada sua publicação pela direção da escola.

Foto 10 – Saguão da EE Uirapuru



Foto 11 – Quadra de esporte da EE Uirapuru



Fotos registradas em 05.09.2023 pela pesquisadora e autorizadas para publicação pela direção da escola.

A Quadra de esporte escolar é o único espaço de lazer existente no assentamento. É ali que os/as jovens se encontram, não somente nos momentos das atividades das aulas de educação física, como também nos finais de semana com a liberação do espaço da escola para além do horário de aula, entendendo que é este o principal momento que eles/as possuem de entretenimento e lazer.

De acordo com o Coordenador Pedagógico da escola Paulo Pereira da Silva, a partir do novo Ensino Médio 2022, a escola passou a operacionalizar além da Formação Básica, outras Unidades Curriculares entre elas, as eletivas, como: Projeto de Vida, Terra Vida e Trabalho e o curso profissionalizante de Técnico Agropecuário.

O técnico agropecuário Prof. Levi Torres de Almeida, quando perguntado sobre o objetivo do curso e se contribui para a permanência do/a jovem no assentamento, nos disse o seguinte:

O Técnico agropecuário é importante para o jovem do campo no sentido de que através do curso o jovem vai se preparar para o mundo do negócio na área rural como: aprender como realizar a preparação e alimentação animal, o plantio, conhecer tudo sobre mudas, manejo animal, tudo sobre produção agropecuária, produção de sementes, o manejo da piscicultura, apicultura etc. O estudante ao final do curso sai preparado para o trabalho nas grandes lavouras, nas fazendas de gado vizinhas, preparado também para comercializar qualquer produto agropecuário, sem precisar sair do assentamento. (Entrevista em 05.09.2023, autorizada na mesma data).

Para entender a finalidade da disciplina Terra Vida e Trabalho e de como essa pode contribuir para a permanência do/a jovem no campo, entrevistamos o Professor Valmir Francisco dos Santos, que atua com os/as jovens desde 2014 nos disse:

Sobre Terra Vida e trabalha, acredito que esta é a disciplina Carro Chefe para uma escola do Campo. Ela tem por objetivo principal mostrar aos jovens e crianças na teoria e na prática que é possível viver, trabalhar, produzir no campo com técnicas atuais, utilizando das tecnologias, para um novo jeito de produzir com sustentabilidade (entrevista concedida e autorizada em 05.09.2023).

O professor listou ações desenvolvidas ao longo do ano, como: horta escolar, que além de contribuir para a merenda na escola ensina aos/às estudantes as técnicas de produção sem agrotóxico, estimulando levar tais conhecimentos para suas famílias. Para agregar a geração de renda, atua com ações voltadas à piscicultura, apicultura, manuseio de máquinas agrícolas, preservação dos recursos híbridos, correção do solo, mata ciliar, turismo local, pecuária leiteira, associativismo e orientações de preparo da terra, tempo do plantio e da colheita. Segundo o professor, as metodologias utilizadas para desenvolver as atividades combinam teoria na sala de aula e o trabalho na terra. Como a escola possui um vasto espaço para desenvolvimento da disciplina Terra, Vida e Trabalho, o professor, com os/as estudantes, plantam feijão e mandioca, e os meninos e as meninas aprendem o preparo da terra e ciclo da colheita, com técnicas modernas e levam o que aprenderam para suas Famílias.

Pensando em ofertar cursos voltados para a realidade dos/as estudantes e na perspectiva de mantê-los/as interessados/as na escola, a EE Uirapuru oferta a partir do novo Ensino Médio o curso profissionalizante "Técnico Agropecuária" nos Itinerários Formativos. A opção pelo curso é feita no ato da matrícula do estudante, onde eles/as mesmos/as escolhem os itinerários que querem seguir. No curso são desenvolvidas várias atividades voltadas para a vida no campo.

Foto 12- Tanque de Peixe para piscicultura em construção na EE Uirapuru.

Foto 13- Trabalho de campo no Técnico Agropecuário.



Foto registrada em 05.09.2023 pela pesquisadora.

Imagem cedida pelo Técnico Wender Arruda.

Foto 14: Novos canteiros sendo preparado na horta

Foto 15 – Horta na escola, preparada com técnicas do SENAR



Foto registrada em 05.09.2023 pela pesquisadora e permitida publicação pela escola. publicação na mesma data.



Foto cedida pelo Professor Valmir Francisco dos Santos em 05.09.2023 e autorizada a publicação na mesma data.

Foto 16 – Plantio de Feijão no espaço escolar



Foto registrada em 05.09.2023 pela pesquisadora e permitida à publicação pela escola.

Segundo o professor, a terra para o plantio do feijão e a mandioca é gradeada pelos tratores da comunidade, porém o plantio e o cuidado com a terra são realizados pelos/as próprios estudantes. Para a colheita do feijão os/as estudantes, junto com o professor, colhem o feijão e a comunidade empresta a máquina para bater e ensacar o produto. Depois disso, o produto vai para a merenda escolar, com parte vendida para custear as sementes e despesas para o próximo plantio.

2.3 - O assentamento Uirapuru no contexto de produção e de sua infraestrutura

É preciso destacar que o assentamento Uirapuru compõe o contexto do município de Nioaque. De acordo com apontamentos de Nunes (2019), em sua Dissertação de Mestrado,

Nioaque é um município criado no ano de 1848 e ocupa uma área de 3.923,790 km², localizada na entrada do Pantanal sul-mato-grossense. Tem sua economia voltada à criação de gado de corte, dispondo de um, rebanho de 365.540 cabeças, segundo IBGE (2010). Conta com uma população de 14.391 habitantes, dos quais 7.057 residem na área urbana e 7.334 na área rural.

Ainda conforme Nunes (2019) a população do município de Nioaque, no que tange à questão urbano/rural, metade da população do município reside na área rural. Isso é resultado da implantação desses assentamentos, que tiveram início na segunda metade da década de 1980, do século XX, motivados, conforme Menegat e Faisting (2011, p. 33), pela “[...] organização dos movimentos sociais, especialmente na década de 1980, movidos pela sinalização para a reforma agrária no Brasil, efetivaram encaminhamentos objetivando a consolidação do projeto de reforma agrária brasileira”.

A criação dos assentamentos no município de Nioaque trouxe a formação de pequenas propriedades, num lugar de latifúndios e isso, conforme Braz (2022, p.87) em sua dissertação de mestrado, pesquisando sobre os assentamentos de Nioaque nos diz que:

O município de Nioaque tem, em sua estrutura territorial, oito assentamentos, sendo eles: PA Palmeira, com 113 famílias, PA Colônia Nova, com 88 famílias, PA Nioaque, com 285 famílias, PA Andalucia, com 166 famílias, PA Uirapuru, com 290 famílias, PA Padroeira do Brasil, com 226 famílias, PA Boa Esperança, com 126 famílias e PA Areias, com 81 famílias, os quais foram instalados entre 1984 a 2007.

Constata-se que desde sua criação o assentamento Uirapuru passou por mudanças diversas. Nos primeiros anos havia as plantações de alimentos e de frutas. Com o passar dos anos e diante das dificuldades no manuseio com a produção, dentre as quais as famílias foram reduzindo o número de pessoas com trabalhos na roça, especialmente com a saída das juventudes, as atividades agrícolas também foram sendo refeitas. Atualmente, a principal atividade econômica é a criação de gado de corte e gado leiteiro e em menor escala vem à produção de grãos como: feijão milho; a horticultura e fruticultura como: a banana, laranja e a manga; a piscicultura e a criação de galinhas e porcos. Vejamos algumas imagens dos primeiros anos de assentamento:

Foto 17 – Preparando a terra para o plantio

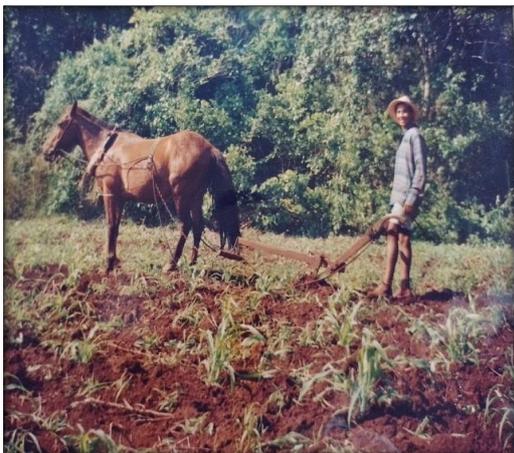


Foto 18 - Plantio de abacaxi



Imagens cedidas pela assentada Doralice Elesbão registradas em 2002, publicação autorizada em 05.09.2023

Na coleta de dados dialogamos com a assentada Doralice Elesbão, que lá está desde 2001, e declarou não ter feito parte da história de acampamento, chegando somente um ano depois, porém fez parte de toda organização e contribuiu muito com a produção agrícola do lugar. Na entrevista de D. Doralice (entrevista em 05.09.2023) diz: “Logo que chegamos, produzíamos muito abacaxi, que vendíamos na cidade e também, plantávamos algodão, mas, com o passar do tempo, a terra foi ficando franca para o algodão, de modo que atualmente, nossa maior fonte de renda é o gado leiteiro e de corte”. Com as mudanças de processos produtivos, as paisagens também foram mudando, como na imagem que segue:

Foto 19 - Pastagens de gado leiteiro e de corte no PA Uirapuru



Foto registrada pela pesquisadora em 05.09.2023, da pastagem do gado da Sra. Doralice e autorizada seu uso na mesma data.

A mudança de eixo de produção, adotando a atividade da pecuária, conforme Nunes (2019) faz com que as famílias, atualmente reduzidas em número de integrantes, torna-se

possível de ser viabilizada, porque a pecuária exige menor emprego de força de trabalho. A pesquisa de Nunes (2019) é sobre outro assentamento de Nioaque, a Colônia Conceição. No entanto, a realidade apresentada pelo autor se assemelha àquela encontrada no Uirapuru, visto que seguiu o mesmo processo produtivo, o de gado, como atividade central, conforme Nunes (2019, p.46):

Cabe destacar que a criação e comercialização do gado se tornou segurança econômica consolidada, não apenas na Colônia, mas em todo o município de Nioaque. Essa situação demonstra a necessidade de uma rede de ações públicas que devem se somar ao crédito, na fomentação da atividade geradora de renda, garantindo o que recomenda o II Plano Nacional de Reforma Agrária.

O tamanho dos lotes varia entre 15 a 40 hectares, sendo que os maiores, na maioria são os pedregosos onde a terra é fraca, em termos de potencial de solo, o que dificulta e diminui a produção. Há lotes que contam com a passagem de córregos por dentro das áreas e, por conseguinte, são maiores.

No assentamento existe a área de preservação permanente/APP, e cada assentado/a tem a responsabilidade de reservar um percentual do total de seu lote onde mantém área de reserva ambiental. Esse modelo ocorreu quando os lotes foram cortados, mantendo em sua dimensão 20% da área de cada um com preservação ambiental. Os/as assentados/as podem utilizar toda a área, porém são obrigados/as a respeitarem as matas ciliares e as nascentes.

Na área do assentamento Uirapuru existe uma Agrovila, com lotes destinados a abrigar pequenos comércios e residências de pessoas. O comércio da agrovila conta com 02 mercados, 02 bares e lojas, posto de saúde com atendimento médico. A equipe se desloca da cidade todos os dias para atender assentados/as com consultas, vacinas, bem como atendimento odontológico. Atualmente todas as casas são de alvenaria com energia elétrica, construídas com o crédito habitação, recebido do Governo Federal. De início eram casas minúsculas, porém houve melhora como nos fala o Sr. Valmir Francisco dos Santos:

Construímos uma casa minúscula, mas, conforme a família foi aumentando, tivemos que aumentar a casa. Graças a Deus a vida foi melhorou e com a renda do próprio do lote, aumentamos a casa, construímos mangueiro, construímos hortas, plantamos pomar. Hoje como pode ver 80% dos lotes já possuem mangueiros e muitos poços artesianos (Valmir. Entrevista concedida em 20.07.2023).

Para evidenciar as mudanças nas residências das famílias assentadas trazemos algumas fotos que retratam os primeiros anos e os dias atuais.

Foto 20– Primeiras moradias



Imagem cedida pelo assentado Valdemir, assentado desde o início do assentamento. Foto tirada em 2000 cedida e autorizada para a pesquisa em 06.09.2023

Foto 21– Residências atuais



Imagem cedida pelo assentado Valdemir, assentado desde o início do assentamento. Foto tirada em 2023 e cedida para a pesquisa em 06.09.2023.

No assentamento há também programas de saúde para as pessoas de terceira idade, acompanhamento às gestantes, doenças crônicas como a diabetes, hipertensão. Os casos que necessitam de atendimento específico são encaminhados para a cidade.

Foto 22 Posto de saúde do EE Uirapuru



Foto registrada por Fagner Pedrosa em 06.09.2023, cedida e para a pesquisa na mesma data.

Foto 23 Rua principal da agrovila do Uirapuru



Foto tirada pela pesquisadora em 06.09.2023.

Constata-se também a significativa presença religiosa, com uma igreja católica e várias igrejas evangélicas, como mostrado nas imagens:

Foto 24: Igreja Evangélica Pentecostal – Agrovila do PA Uirapuru

Foto 25: Igreja Evangélica Cristã do Brasil Agrovila



Fonte: Fotos registradas por Fagner Pedrosa em 06.09.2023, cedidas e autorizadas pelo autor na mesma data.

Dialogando com moradores/as da agrovila, constatamos que os cultos nas igrejas evangélicas são celebrados todos os sábados pelos fiéis, e na igreja católica os fiéis se reúnem todas as quartas-feiras para os terços e orações e as missas acontecem aos domingos, com a presença do padre que se desloca da cidade para realiza-la. O salão paroquial fica anexo à direita da igreja, onde acontecem as festas religiosas, comemorações de fim de ano, aniversário do assentamento, formaturas, bailes, bingos, leilões, aniversários, enfim, é ali que os/as jovens e as famílias se encontram em ocasiões especiais e comemorativas.

Foto 26 Igreja Católica, anexo ao salão paroquial do PA Uirapuru.



Fonte: Foto registrada por Fagner Pedrosa em 06;09.2023, cedida e autorizada para a pesquisa mesma data,

No assentamento há, ainda, três associações ativas, conforme quadro 4, que lidam com as necessidades básicas dos/as assentados/as como: preparo do solo para plantação,

representação do assentamento nas esferas políticas e administrativas, atendimento às famílias com dificuldades financeiras, deslocamento de famílias para cidade, entre outros. Vale destacar que a maioria das famílias já possuem carro próprio ou motos, não dependendo exclusivamente dos transportes coletivos para deslocamentos.

O aniversário do assentamento é comemorado no dia 03 de dezembro, data de sua criação, sendo este um dia muito especial. É costume nesse dia um grupo de assentados/as, em parceria com as associações de moradores/as, organizarem um grande churrasco, cuja carne é advinda da doação de animais pelos/as assentados/as, chegando a somarem de 10 a 14 animais disponibilizados para a festa.

Fotos 27 e 28 – Imagens da festa do aniversário do PA Uirapuru



Fonte: Imagens cedidas pela assentada Márcia Flores, registradas em 29.01.2024

A festividade demonstra o pertencimento das pessoas assentadas, como a valorização da luta pela terra, envolvendo aquelas que foram chegando após a instalação do assentamento, dentre elas muitos filhos/as e netos/as que nasceram nos lotes da reforma agrária, e por isso não viveram os dilemas do acampamento, partilhando dos relatos da memória das pessoas que chegaram primeiro.

Essa é a vivência das juventudes de nossa pesquisa, que foram integradas ao processo de valorização da conquista da terra, partilhando das memórias de seus pais, mães e avós, expressadas nas histórias familiares, bem como nas comemorações coletivas da comunidade e nas atividades escolares, que incluem a história do assentamento no processo de ensino-aprendizagem, nos conteúdos de diferentes disciplinas e/ou datas comemorativas.

Na pesquisa constatamos a existência de associações de agricultores rurais, como aquela, presidida pelo Sr. Valdenir Angelo dos Santos que relatou sobre os trabalhos que vem organizando.

O nosso trabalho na associação é basicamente atender as famílias com maiores dificuldades financeiras, mas, é difícil mantê-la, pois a maioria que procura nossa associação, não possuem condições para pagar o mínimo necessário para a realização do trabalho e as associações, muitas vezes tira as despesas do próprio caixa para poder suprir os gastos com óleo diesel. (VALDENIR. Entrevista gravada em 15.06.2023)

Outra associação é a Associação dos Produtores rurais do Assentamento Uirapuru, cujo objetivo é o de apoiar assentados/as, com foco na agricultura familiar, piscicultura e rebanho leiteiro. O Presidente da Associação, Josuel Pereira da Silva nos disse:

Possuímos uma Máquina Retro escavadeira, recebida do Governo Federal, através da Prefeitura de Nioaque. Os serviços mais procurados pelos assentados são para abertura de tanques de peixe sócios, onde cobramos uma taxa mínima, somente para cobrir as despesas com óleo diesel. Os sócios também contribuem com uma pequena taxa para a manutenção da Associação. Como número de sócios é restrito. O saldo existente para manutenção é remanescente do trabalho da própria máquina, Apesar de ter um objetivo sem fim fins lucrativo, acreditamos que se os assentados não contribuírem pelo menos com as despesas com o serviço prestado, a associação não se sustentaria. (JOSUEL. Entrevista gravada em 15.06.2023)

Os relatos das representações das associações evidenciam que são organizações necessárias para viabilizar a estrutura dos assentamentos, especialmente na aquisição de maquinários e demais reivindicações que as pessoas assentadas necessitam.

2.4 As mulheres na organização do assentamento

As mulheres do assentamento Uirapuru também são responsáveis tanto pela organização como pela geração de renda familiar. Elas trabalham em todo o processo produtivo no campo junto com seus companheiros como: tiram leite, fazem cercas, cuidam do gado, plantam hortaliças, colhem e comercializam. Algumas exercem trabalhos no posto de saúde e nas escolas públicas, elas chegaram como assentadas, se especializaram por meio de cursos de formação acadêmica e, atualmente, prestam serviços como servidoras públicas e continuam se reconhecendo e sendo reconhecidas como assentadas. Com isso, a própria

comunidade é beneficiada, com pessoas assentadas nos quadros do atendimento poderá resultar em atendimentos que considerem a dinâmica do lugar.

As mulheres produzem inúmeras estratégias para melhorar a renda familiar, se organizando e criando uma associação, a qual leva o nome de Associação das Pequenas Produtoras da Agricultura Familiar do Assentamento Uirapuru, criada em 2021. Dentro da associação as mulheres organizaram uma feira que acontece todas as sextas-feiras e aos domingos, fazendo uso de um barracão aberto, cedido pela comunidade.

A associação foi criada com a finalidade de atender assentadas e assentados nas diversas formas de acesso a direitos e de apoios, como: defesa e regularização dos lotes junto ao INCRA, buscar apoio e assistência técnica na produção de mel, e outros tipos de demandas. A entrevista com a Presidente Marilaine Mendonça Viana elucidou a importância da associação para a organização das mulheres:

A associação possui bens e máquinas agrícolas, conseguida através de Projetos do Governo Federal com apoio da Prefeitura e o esforço das mulheres do assentamento, sendo: 01 trator, uma grade arador a, onde prestamos serviços à comunidade, para mais de 100 famílias, com o objetivo de ver o assentamento produzir, gerar renda e crescer. Esse ano, nós inauguramos também a Feira Uirapuru, iniciando com cursos, articulado pela associação, onde 30 mulheres participam. Esses cursos, além de incentivar a geração de renda, ainda contribuem com o bem estar psicológicos das mulheres, uma vez que se sentem importantes ao verem o que produzem sendo comercializado dentro do próprio assentamento. (Marilaine. Entrevista concedida em 08 /06/2023).

Segundo Marilaine o lugar de comercialização dos produtos consistia num barracão velho, onde funcionava uma oficina, todo sujo e sem condições de uso, porém, as mulheres arregaçaram as mangas e foram à luta, limparam tudo, de modo que hoje comercializam, neste espaço, os produtos advindos de suas propriedades como: hortaliças, doces, bolos, queijo, requeijão, peixes, dentre outros. Além desses, acrescentam tapetes, bordados que elas próprias tecem, partindo de seus saberes tradicionais, agregando valor para comercialização.

O lugar é um espaço para comercialização e também para encontros com pessoas conhecidas, oportunizando compartilhar ideias e, ao mesmo tempo, atuarem na geração de renda. Essa condição nos remete as reflexões de Heredia (1979, p.16.), quando diz que: “A feira é, além de um lugar para comprar e vender, um ponto de reunião social. A feira é um local de encontro. Nela tem lugar uma troca de informações e opiniões sobre diversos problemas entre indivíduos dos diferentes grupos que ali se reúnem”. Vejamos algumas fotos da feira.

Foto 29 - Produtos na feira do assentamento Uirapuru



Fonte: Registro efetuado pela pesquisadora, retratando a organização das mulheres na feira do PA Uirapuru, registrado em 18.08.2023.

Enfim, a vida no assentamento Uirapuru mudou especialmente no que se refere à produção agrícola, envolvendo cada vez menos pessoas ao processo produtivo, fazendo com que as juventudes busquem outros lugares para proverem suas vidas, como passaremos a analisar no próximo capítulo. Por isso, iniciativas como das mulheres são tidas como processos de resistências, porque evidenciam a busca de estratégias para manterem-se nos lotes, envolvendo as famílias na produção, podendo, quem sabe, servir de estímulo para as

juventudes, abrigando-as em novos trabalhos e geração de renda. Isso só o tempo dirá, a depender dos incentivos e das redes que as mulheres estabelecerem no conjunto do assentamento, bem como para fora dele.

CAPÍTULO III

AS JUVENTUDES DO ASSENTAMENTO UIRAPURU: ENTRE INCERTEZAS E PROJETOS FUTUROS

No presente capítulo analisamos o lugar das juventudes no contexto do assentamento Uirapuru, buscando, na primeira parte do capítulo, compreender quais seus projetos e o espaço que ocupam no assentamento. Na segunda parte, analisamos os projetos futuros dos/as jovens, ouvindo, também, aqueles/as que deixaram o assentamento para trabalharem nas cidades. Dialogamos, ainda, com familiares na perspectiva de compreender o processo de sucessão nos lotes. Além disso, verificamos quais políticas públicas estão vigentes, especialmente aquelas voltadas para juventudes, analisando se contribuem para a sua permanência no assentamento.

Durante a pesquisa procuramos dialogar com os/as jovens do assentamento buscando entender o que esperam encontrar nas cidades, assim como verificar se o esporte e lazer existentes no assentamento, ou se a falta dele pode ser um possível fator de evasão. Outro elemento pesquisado foi à relação dos/as jovens do assentamento com a realidade urbana, visto que é muito comum encontrá-los/as trabalhando em lojas e supermercados das cidades próximas a Nioaque.

3. A vida das juventudes que vivem no assentamento

A princípio, considerando que a escola é uma das principais instituições do assentamento e que nela passam ou passaram todos/as os/as jovens que participaram da pesquisa, nisso reside à ênfase a ela, uma vez que é na escola que as juventudes se encontram, compartilham ideias, socializam, reforçam a construção de identidade de jovem do campo e projetam seus futuros. Nesta perspectiva, buscamos a secretaria da Escola Estadual Uirapuru, a qual nos forneceu dados importantes para a compreensão da temática pesquisada.

No assentamento meninos e meninas começam a trabalhar muito cedo. São considerados ajudantes de seus pais e mães no núcleo familiar. Para a realização dos trabalhos é feita uma divisão entre meninos e meninas: os meninos tiram o leite, ajudam a fazer ou reformar cercas, roçam os pastos, realizam os trabalhos da plantação. As meninas, apesar de, a maioria fazerem o mesmo trabalho dos meninos, quando necessário, seu trabalho fica mais

restrito aos serviços com as casas e seu entorno, como limpeza das casas, preparo de alimentos, organização do quintal, cuidado com pequenos animais e também com irmãos menores, quando houver. Nessa separação emerge ensinamentos mediados pelo viés de poder, ou seja, meninos na produção, meninas nos cuidados de outrem. E assim seguem até mesmo para aprenderem a gostar de cursos de formação escolar.

As juventudes assentadas do Uirapuru, para chegarem até escola, percorrem de ônibus longas distâncias, muitas vezes enfrentando chuvas, estradas ruins e correm risco em sua integridade física e emocional, além do cansaço por terem que acordar muito cedo para chegar no horário, sem contar que muitos meninos ainda precisam tirar o leite antes de pegarem o ônibus. Como são jovens e adolescentes com a socialização e o modo de vida muito diferentes daqueles da zona urbana, visto que desde cedo adquirem responsabilidade pelo trabalho no campo, é fundamental que a escola, como uma das instituições mais presentes na vida das juventudes, reconheça as suas necessidades concretas, bem como entenda a realidade de cada um/a, o modo como vivem, como se relacionam com seus familiares e compreenda que cada um/a tem um modo diferente de pensar e diferentes tempos de aprendizagem.

Nesse sentido está a importância nas especificidades da escola do campo, que se diferenciam das escolas urbanas pela sua dinâmica, como coloca Caldart (2011, p.110).

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito.

A pesquisa trás a dinâmica da escola do campo no pressuposto que a maioria dos/as jovens do assentamento tem a escola como um dos principais e mais importante pontos de referência e influência. Diante disso, nessas escolas a educação não só deve ser concebida como prática transformadora, mas também responsável pela valorização e fortalecimento da identidade de agricultores/as em formação, como são os/as jovens do campo.

Partindo do princípio que a maioria dos/as jovens encontra-se na escola, buscamos entrevistar um grupo de seis jovens que estudam o Ensino Médio em tempo integral, com idade entre quinze a dezessete anos. Para a entrevista, optamos por questões abertas, gravadas e depois de transcritas, considerando também a riqueza que a fonte oral pode proporcionar à pesquisa. Perguntado sobre quais expectativas possuem para o futuro no assentamento, a Jovem “A”, quatorze anos, estudante do primeiro ano do Ensino Médio, muito timidamente responde:

O futuro do assentamento depende muito de melhorias. O poder público precisa investir em políticas públicas para o campo, alguma coisa que gere renda para a gente não sair do campo. Penso em terminar o Ensino Médio e me mudar para a cidade, fazer uma faculdade, trabalhar. Aqui no Uirapuru é muito bom, nasci e cresci aqui, gosto daqui, mas não tem trabalho e nem estudo depois do Ensino Médio. Quero me formar e trabalhar para não depender de meus pais. (Jovem “A”, entrevista gravada em 15.06.2023).

Percebe-se que a estudante, apesar de gostar da vida no campo, já pensa em sair logo que terminar o Ensino Médio. Segundo ela, o futuro do assentamento depende de investimentos do poder público e se houvesse uma possibilidade de renda é possível que permanecesse no campo, dando continuidade ao trabalho dos pais.

Perguntado sobre as oportunidades de lazer e entretenimento, se essas poderiam ser fatores de permanência no assentamento, o Jovem “B”, quatorze anos, estudante do primeiro ano, responde que se houvesse mais lazer e entretenimento seria melhor, mas que isso, sem dúvida, não é muito importante. O mais difícil é não ter dinheiro e saber que não existe um meio de conseguir com trabalho. Já no assentamento não existe o trabalho, a não ser o trabalho no lote, junto ao pai e mãe e a renda é insuficiente, não dá para todos.

A jovem possui o desejo pelo trabalho e renda e não enxerga uma possibilidade desta realidade mudar, visto que o trabalho com a família não é remunerado. A renda produzida nos lotes não supre as necessidades dos/as filhos/as, que a cada dia aumenta.

Ao perguntar ao grupo se conhece alguma política pública específica para os/as jovens no assentamento, a qual possa contribuir com a permanência dos mesmos após concluírem o Ensino Médio, o jovem “C”, 17 anos, estudante do terceiro ano Ensino Médio respondeu: “Não conheço nenhuma política de incentivo para nós, então a saída que enxergo, apesar de gostar daqui, é ir para a cidade, O que podemos fazer aqui? Não tem trabalho, o lote é pequeno, não tem universidade. Nossa vida precisa continuar. Eu pretendo continuar estudando, ainda não sei o que, mas seja lá o que for, terei que sair”. Como se percebe nas falas dos/as jovens, o desejo de deixarem a terra, lugar onde nasceram e cresceram, não se deve à falta de pertencimento ao lugar, mas às questões econômicas, desejosos/as por saírem em busca de oportunidades profissionais e formação acadêmica.

Pesquisamos junto ao INCRA sobre o número de jovens que permanecem no campo, mas não obtivemos dados estatísticos a esse respeito, pois aquela instituição não tem nenhuma pesquisa sobre esse indicador. Dessa forma, as fontes orais através das entrevistas com jovens e/ou seus familiares, são os dados que foi possível coletar.

Na secretaria da EE Uirapuru, procuramos levantar os dados da quantidade de estudantes matriculados nos últimos 05(cinco) anos, através do Secretário da escola, Sr. Gualter de Lima Gomes, o qual nos informou:

QUADRO 5: ESTUDANTES MATRICULADOS NA EE UIRAPURU - 2019 A 2023

Ano	Quantidade de Estudantes Matriculados – Ensino Médio.	Fem	Masc
2019	62	24	35
2020	66	35	31
2021	73	35	38
2022	58	28	30
2023	42	22	20

Dados fornecidos pelo SGDE- Sistema de Gestão de Dados Escolares, acessado pelo Secretário escolar Gualter de Lima Gomes em 04.04.2024.

Percebe-se que do ano de 2019 à 2021, os dados sobre a quantidade de estudantes matriculados se equilibraram, porém no ano de 2022 à 2023, houve uma queda significativa desse quantitativo.

QUADRO 6: Estudantes matriculados na EJA - 2019 À 2023

Ano	Quantidade de Estudantes Matriculados na Eja.	Fem	Masc
2019	77	44	33
2020	52	31	21
2021	62	35	27
2022	40	24	27
2023	10	7	3

Fonte: Dados fornecidos pelo SGDE- Sistema de Gestão de Dados Escolares, acessado pelo Secretário escolar Gualter de Lima Gomes, em 04.04.2024

De acordo com o Secretário,

[...] a escola oferta a EJA – Educação de Jovens e Adultos desde 2016. No primeiro ano havia mais de 100 (cem) estudantes matriculados. Havia muitos jovens acima de dezoito anos que não podiam estudar durante o dia e muitos eram pessoas mais velhas que nunca tiveram a oportunidade de aprender a ler quando criança. Grande parte não possuía escolarização alguma e muitos possuíam conhecimento em números e letras, mas nunca haviam estudados. Nessa dinâmica, a escola fez a classificação através de um teste de conhecimento, onde posicionou cada um, para que pudessem então, obterem a escolarização. Gualter de Lima Gomes (entrevista concedida em 04.04.2024).

O quadro apresenta uma regressão de 2019 a 2023, visto que, a cada ano um número menor de pessoas é matriculada.

Ao entrevistar uma jovem de 15 anos, jovem “D”, cursando o primeiro ano do Ensino Médio nascida no assentamento, perguntamos sobre quais suas expectativas para o futuro, ela respondeu: “No momento, somente casar, ter filhos, formar uma família, ajudar meus pais, talvez sair daqui, arrumar um emprego, fazer uma faculdade. Eu ainda não sei”. Foi perguntado também quais as expectativas com relação ao futuro e desenvolvimento do assentamento? Ela responde que a cada dia fica mais desanimada, pois percebe que os lavoureiros (pessoas do entorno do assentamento) estão adentrando ao assentamento de forma cada vez mais acelerada e que se os/as assentados/as não tomarem cuidado, não pararem de arrendar seus lotes, o assentamento irá se transformar em uma grande fazenda de soja e os/as assentados/as expulsos/as para a cidade, mesmo porque os agrotóxicos que usam na lavoura contaminam tudo em volta.

Ficou evidente a preocupação da jovem com relação ao futuro do assentamento onde nasceu e cresceu, uma vez que as terras arrendadas serão utilizadas para a plantação da soja, na qual utilizam agrotóxicos, colocando em risco as nascentes e o meio ambiente no assentamento. Essa reflexão remete ao que debatemos no Capítulo II, quando apresentamos aspectos da produção do assentamento, visto que as condições para a permanência, de todos/as os membros da unidade familiar, dependerá da produtividade. Nesse sentido cabe apontar uma indagação para o futuro e a permanência não só das juventudes, mas das pessoas adultas que ainda lá estão: será o arrendamento a saída para a permanência na terra?

Não pretendemos responder a essa questão na presente pesquisa, porque o tema é tão complexo que requer outras investigações, com reflexões sobre os dilemas que se mostram no processo de produção não apenas do Uirapuru, mas nos demais assentamentos de Nioaque e de outros tantos instalados em Mato Grosso do Sul, fazendo com que não apenas as juventudes saiam, mas, também, adultos e famílias.

Entrevistamos Marielly Silva Santos, 27 anos, Professora, filha de assentado/a que viveu toda sua infância no assentamento, e ao concluir a educação básica mudou-se para a zona urbana em busca de estudos e qualificação profissional. Ela retornou ao assentamento alguns anos depois, para atuar com as juventudes, agora como educadora no curso técnico profissionalizante. Ao perguntar quais os motivos que a levaram a sair e retornar para o assentamento, ela nos disse:

No ano de 2014, concluí meu Ensino Médio aqui no assentamento. Desde então, sonhava em ingressar na faculdade na área das ciências exatas. Minha família sempre me apoiou nesse objetivo. Em 2015, obtive uma bolsa de estudos para curso de Engenharia de Produção em Campo Grande. Em 2021, elaborei um projeto de pesquisa que enviei à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Com sucesso, ingressei na pós-graduação em Agronegócios e Sustentabilidade, em nível de Mestrado. Dessa forma, comecei minha jornada no campo de pesquisa científica, com o propósito de beneficiar os habitantes do assentamento. Penso que a pós-graduação representa uma alternativa concreta para isso. Em 2022 fui convidada para lecionar, no curso técnico agropecuária na EE Uirapuru- PA Uirapuru – Nioaque, o que considerei uma oportunidade espetacular. Um dos meus objetivos é, também, influenciar especificamente a vida dos jovens do assentamento com minha trajetória, mostrando-lhes que também podem alcançar seus objetivos e concretizar seus sonhos, e também permanecer no campo para ajudar os pais. (Marielly. Entrevista concedida em 18.08.2023).

O relato da jovem evidencia que existem jovens que saem, realizam o sonho de alcançar uma formação acadêmica e retornam para o assentamento, seja para trabalhar com familiares ou para intervir qualitativamente na realidade do assentamento, colaborando com o conhecimento adquirido na universidade, como é o caso da entrevistada.

Na pesquisa foram coletados dados juntos à secretaria da Escola Estadual Uirapuru a fim de obter informações sobre o destino dos/as jovens que terminam o Ensino Médio. Foi perguntado se a escola tem a informação sobre quantos jovens ingressaram no Ensino Superior no ano de 2022, e em quais os cursos ingressaram, e segundo o secretário da escola Gualter de Lima Gomes: “Temos a informação registrada que em 2022, 06 jovens ingressaram na universidade pública e um na universidade particular. Os seis estão cursando Matemática na UFMS, em alternância. Passam um período na universidade e um período em casa dos pais no assentamento.”.

Os cursos universitários com metodologias que combinam sair para estudar sem deixar por completo o assentamento parecem predominar nos dados da escola, quanto às escolhas das juventudes.

Foi entrevistado o jovem E, de 17 anos, que nasceu, cresceu e estudou o Ensino Médio na EE Uirapuru e se mudou para Campo Grande. Perguntado quais os principais desafios que ele enfrenta para cursar a universidade ainda tão jovem e se pretende retornar ao assentamento após concluir o curso, ele diz: “concluí a educação básica em 2022, ingressando na UEMS em 2023, no curso de Matemática, cresci no assentamento e meus pais continuam cuidando da terra, criando gado de corte e de leite e cultivam hortaliças, além de galinhas e porcos, estes para a subsistência, mas, pretendo ainda voltar depois de formado, sei que o maior desafio é viver longe da família”.

Entrevistamos a jovem “F”, de dezessete anos, que também ingressou na UEMS, após concluir o Ensino Médio. Segundo a jovem:

Preciso trabalhar e estudar, sempre tive o objetivo de continuar estudando, ter uma profissão, pois minha família não possui condições de manter-me com o que produzem no lote, saí, não por falta de amor ao lugar. Para mim, esse sempre será o melhor lugar, mas, minha intenção é um dia voltar a viver aqui, trabalhar na escola como professora, contribuir com o crescimento do assentamento e continuar a luta de meus pais.

Para a jovem, o assentamento é o melhor lugar para se viver, porém não possui a menor possibilidade de trabalho e renda e ela, como é própria das juventudes, tem suas necessidades que seus familiares não podem atender. Por conta disso, sua meta sempre foi terminar o Ensino Médio e ir para a cidade estudar, mas com a intenção de um dia voltar. Então, como tem facilidade com o aprendizado de Matemática, ingressou na faculdade, com intuito de se formar e voltar para trabalhar na escola existente, contribuir de alguma forma com o desenvolvimento do assentamento e também continuar o legado do pai, que é cuidar do lote e permanecer nele. Fica evidente na fala da jovem que existem os que se mudam para as cidades, não por falta de amor ao lugar, mas sim, em busca de formação acadêmica, pois acreditam que com uma formação terão oportunidade de contribuir com o crescimento econômico do assentamento e com a realização de seus sonhos profissionais.

Constata-se, assim, que a produção não supre as necessidades de toda a família, tornando difícil a permanência dos/as jovens no assentamento, já que as necessidades das juventudes divergem das necessidades de seus pais e mães.

3.1 Os projetos das juventudes que estão saindo

A decisão dos/as jovens em sair do assentamento ou nele permanecer, vai depender também da estrutura produtiva dos lotes, associada aos sonhos e projetos individuais, sendo possível afirmar que, muitas vezes, suas decisões são influenciadas pelo desejo dos próprios pais e mães, que almejam um futuro melhor para seus filhos/as. A depender das dificuldades que os familiares enfrentam para produzir e se manterem nos lotes, acreditam que os filhos/as nas cidades terão acesso ao trabalho, a cursos superiores, podendo um dia voltar para o campo e ajudarem financeiramente para melhoria do lote, especialmente quando os familiares estarão com idade avançada. Ocorre que nem sempre isso é possível, porque uma vez fora do assentamento, as juventudes poderão construir seus espaços nos novos lugares e o retorno passa a ser algo improvável.

Segundo Straposola (2002, p.243) "O estudo passa a ser a preparação para o trabalho urbano, sendo para os jovens, sinônimo de curso de ensino médio e, no limite, de faculdade. É visto por alguns pais como possibilidade e esperança de uma melhor remuneração da força de trabalho de seus filhos, inclusive como confiança de que poderão ser amparados por eles em sua velhice, talvez até na cidade".

As reflexões do autor fazem coro na fala do Jovem "G", 18 anos. Ao entrevistá-lo foi possível perceber que o jovem tem suas próprias motivações, pois o desejo de sair do lote para estudar na cidade, se formar na área da saúde, representa para ele, não só uma satisfação pessoal, mas também voltar para contribuir com o desenvolvimento do assentamento e retribuir o esforço de seus familiares.

Decidi sair da colônia em busca de uma carreira na saúde, como médico ou enfermeiro. É uma escolha profunda e motivada pela influência positiva dos meus pais, dedicados pecuaristas e piscicultores. Busco alcançar o sucesso não só para realização pessoal, mas como uma forma de retribuir o empenho deles, proporcionando-lhes um conforto de vida digno de seu legado na colônia. Quanto ao retorno, ainda incerto, há uma inclinação positiva para contribuir com a comunidade, explorando não apenas a saúde, mas também a política local. Visualizo a oportunidade de ser um agente de mudanças, fortalecendo a infraestrutura, melhorando o acesso a serviços e promovendo o florescimento geral da colônia. A interseção entre saúde e política se apresenta como uma estratégia vital para essas transformações. Em última análise, minha jornada vai além da colônia, impulsionada pela determinação de retribuir e elevar minha comunidade natal. A incerteza sobre o retorno é superada pela convicção de que estou contribuindo para o desenvolvimento de um lugar que sempre considerarei lar. (Entrevista concedida em 24.01.2024).

O jovem H completou 18 anos e concluir o Ensino Médio. Com a nota do ENEM conseguiu ingressar no curso de Direito, na UEMS. Nasceu e cresceu no assentamento, onde seus pais produzem hortaliças, criam galinhas, porcos para subsistência, sendo a renda principal extraída do manejo do gado de leite e de corte. Ao ser perguntado sobre seus projetos futuros e se pretende ficar no assentamento, ele disse:

Meu Projeto futuro é me tornar um federal e ter sucesso em minha profissão e minha inspiração é o lugar de onde vim e onde eu posso chegar, tendo como projeto imediato fazer uma graduação e atingir metas. Vou estudar faculdade de Direito e me especializar em várias áreas, atrás de conhecimento. Não pretendo voltar a morar no assentamento, devido à falta de oportunidades para realizar meus Projetos, mas o desejo de morar aqui nunca vai acabar. (Entrevista concedida em 24.01.2024).

Percebe-se que o jovem acredita que é na cidade que poderá realizar seus projetos futuros. Esse é também o projeto do jovem "I", 15 anos, primeiro ano do Ensino Médio na esco-

la do assentamento, o qual está mudando para a cidade de Maracajú e nos disse: “Vou para Maracaju, morar com minha irmã. Não quero continuar na escola Uirapuru, porque é Integral e eu quero estudar e fazer um cursinho de Marketing Digital para quando eu terminar o ensino médio, trabalhar com isso e também, aqui não tem nada de lazer para nossa idade, só futebol e eu nem gosto de futebol”. Perguntado a ele sobre o curso técnico em agropecuária, existente na escola do assentamento, se teria interesse, nos disse: “Não gosto de agropecuária, tenho outros planos para minha vida, apesar de que meus pais preferissem que eu continuasse aqui”.

As juventudes, como demonstra o jovem, tem seus próprios planos, os quais, por vezes, não inclui os sonhos e a necessidade dos familiares e a escola, por sua vez, não dá conta de atender as demandas desses/as jovens. É possível afirmar que seus planos e projetos futuros, na maioria não inclui a permanência no assentamento. Nesse sentido Carneiro (2005, p. 249), afirma:

É possível dizer, portanto, que a associação entre estudo e emprego é também generalizada no meio rural, sendo o estudo encarado como a condição para, no falar de um jovem, “ser alguém na vida”, o que significa fundamentalmente não ser agricultor. Essas informações permitem algumas referências importantes.

Como aponta a autora, os/as jovens, na sua maioria não consideram o assentamento como lugar de construção de projetos de vida, uma vez que seus projetos estão associados ao que as cidades oferecem, tendo na formação dos cursos profissionalizantes e nas universidades uma das metas, não só como um canal que facilita o acesso ao mercado de trabalho, mas também abre as portas para um sonhado mundo, diferente daquele que vivem no assentamento.

3.2 O problema da sucessão nos lotes: dialogando com familiares

Para compreender a sucessão dos lotes procuramos dialogar com os familiares dos jovens na perspectiva de entender como vivenciam este contexto, haja vista que nos lotes do assentamento Uirapuru, a cada dia, com a saída dos jovens, ficam apenas os pais e as mães, muitos já aposentados/as e filhos/as mais jovens que ainda dependem dos familiares. Vejamos o que nos apresenta a Sra. Marita, de 44 anos.

Tenho uma filha de 19 anos e um filho de 12. Minha filha saiu do assentamento com 18 anos. Foi para a cidade estudar e trabalhar, logo que terminou o Ensino Médio conseguiu ingressar na UEMS, cursando

Matemática. Hoje estamos eu, meu marido e meu filho menor que ajuda como pode nas atividades do lote. Sinto muita falta de minha filha, pois ajudava em tudo que fazíamos no lote como: cultivo da mandioca, hortaliças, abóbora, quiabo e a lida com o gado, e ainda tinha as tarefas de casa. Penso que meu filho menor, irá pelo mesmo caminho, de modo que acabará somente eu e meu esposo no lote. Mas, apesar de sentir solidão, fico feliz, pois é o futuro dela. Aqui ela não tem trabalho e nem estudo. (Mariita Romero Góes) entrevista gravada em 25.01.2024.

Dialogando com a Sra. Mariita foi possível perceber a sua solidão, depois que a filha saiu de casa, ao mesmo tempo, a felicidade que nutre pela filha ter ingressado na universidade, sendo a porta para o futuro. Diante disso, as famílias criam estratégias para a reorganização dos trabalhos domésticos e dos lotes, a fim de garantir que seus filhos ou filhas possam estudar e trabalhar. Essa também é uma reflexão apresentada por Castro (2013, p.260) “o trabalho urbano é valorizado pela renda mais certa, que contribui com a renda da família. Essa renda é percebida como necessária devido às condições difíceis de retorno financeiro da produção no assentamento”.

Com a saída dos/as filhos/as, familiares ficam sozinhos nos lotes, sendo poucos os/as jovens que retornam ao assentamento. Com isso, a tendência é o “envelhecimento do assentamento”, o que vem a comprometer a sucessão familiar, uma vez que ela garante a continuidade das atividades produtivas dos lotes e, conseqüentemente, a agricultura familiar.

Spanevello (2008, p.26) também reflete sobre esse tema:

A saída dos jovens pode resultar na redução das características agrícolas dos municípios, especialmente no que diz respeito à agricultura familiar. As implicações também recaem na dinâmica do tecido social das comunidades, através do aumento do número de pessoas idosas, diminuição do número de jovens, e, entre estes, de moças e, com isso, possibilitar o agravamento de determinados processos sociais, tais como a masculinização e o envelhecimento no meio rural.

Sair do campo e não retornar não é regra geral, existem aqueles que saem com o propósito de estudar e retornam para o lote, e assim o fazem por diversas razões, uns por amor a vida no assentamento, outros para ajudarem familiares e há, até mesmo, aqueles cujo projeto de vida é suceder o projeto familiar, como diz a Sra. Vera Maria Mendes Romero;

Tenho duas filhas jovens. O projeto de vida da mais velha Luyana Nara Mendes Romero, 22 anos sempre foi continuar morando no assentamento, em que estudou o ensino fundamental e médio no assentamento Uirapuru. Através da nota do ENEM, conseguiu desconto na faculdade de letras da universidade Anhanguera, se formou e voltou para casa. Passou no processo seletivo e será o primeiro ano que atuara como professora no assentamento. Com certeza, poderá estar contribuindo com a comunidade e influenciar

outros estudantes a cursar o ensino superior e continuar morando no Campo. Quanto ao Projeto de Vida de Luynara Maria Mendes Romero, minha filha mais nova, pretende terminar o Ensino Médio em Tempo Integral e se preparar para o Enem, ingressar na faculdade e seguir o exemplo da irmã. Vera Maria Mendes Romero (Entrevista concedida em 12.02.2024)

A questão da sucessão nos lotes depende muito dos projetos de vida das juventudes e dos diálogos com seus pais e mães. Por mais que os familiares não devem influenciar em seus projetos futuros, podem de algum modo, orientá-los/as no sentido da valorização da terra conquistada com muito sacrifício e na preservação da identidade de camponês, construída ao longo de suas vidas.

Sônia Tereza Pereira Bastos, 39 anos, relata que o filho mais velho terminou o Ensino Médio em 2020 e em seguida foi para Sidrolândia- MS, lá encontrou emprego e um ano depois ingressou na faculdade, e o curso está em andamento. Segundo ela, a renda do lote era insuficiente para suprir a necessidade do filho, que já estava para completar 18 anos.

Os rapazes nessa idade precisam de muitas coisas como: celular, roupas da moda, sair com namorada, e nós não tínhamos como oferecer ao nosso filho, mesmo o pai trabalhando na escola. Nosso filho mais novo, também já completou 18 anos. Por enquanto ainda está com a gente, é ele que nos ajuda com o trabalho do lote, mas seu plano é ir embora também para cursar a faculdade. Então, seremos só eu e meu marido para a lida no lote. Sônia Tereza Pereira Bastos (Entrevista concedida em 12.02.2024)

Diante do relato da Sra. Sonia, a saída é também um desejo da família, para que o filho encontre um meio de prover o sustento que almeja. Nesse modelo, a tendência é que fiquem sozinhos nos lotes e, por consequência, possivelmente será uma família sem sucessores, como acontece com muitas outras que ao envelhecerem, vendem a terra e mudam para a cidade, para viverem perto dos filhos.

A entrevista com a Sra. Márcia Flores, 46 anos, 04 (quatro) filhos/as, sendo 02 (dois) meninos e 02 (duas) meninas também evidenciou os projetos dela para com os filhos/as, dizendo: “Quando pequenos estudaram aqui no assentamento, mas ao crescerem consegui enviá-los para a Fundação Bradesco, onde já concluíram a educação básica, e não voltaram para o assentamento. Hoje estão na cidade trabalhando, apenas a mais nova de 14 anos continua na Fundação Bradesco. Sempre senti muita falta deles aqui, mas também acreditava que na fundação já sairiam com emprego garantido, depois do ensino médio”. Marcia Flores (Entrevista concedida em 12.02.2024)

O relato da assentada evidencia que o sair do assentamento nem sempre depende dos projetos pessoais dos/as filhos/as, sendo esses, por vezes, dos próprios familiares, projetando

um futuro que acreditam ser melhor para eles/as. Observamos que a depender das condições de vida nos lotes, se enfrentam dificuldades para manterem-se, acabam edificando para os/as filhos/as projetos que os impulsionem a saírem do assentamento, como a garantir melhorias futuras.

No relato da Sra. Elza Ferreira de Matos, assentada de 53, ela destaca que tem apenas um menino e uma menina, sendo que a menina já deixou o assentamento e foi residir no município de Maracaju, logo que concluiu o Ensino Médio, indo à busca de emprego. O menino, com apenas 15 anos, cursando o primeiro ano do ensino médio, também está seguindo esse caminho, mesmo sem concluir este nível. Perguntado do motivo pelo qual o filho vai embora, ela responde que: “A escola daqui é integral e não dá para ficar o dia inteiro na escola. Ele precisa fazer cursos técnicos, pois não gosta de agropecuária, nem tem interesse pelo lote. Precisa arrumar emprego. Eu e meu esposo temos que apoiar, pois não podemos dar tudo que eles precisam.”. Elza Ferreira de Matos (Entrevista concedida em 12.02.2024)

Sobre a fonte de renda, D. Elza diz que plantam verduras e mandioca, vivem essencialmente disso, além da criação de galinhas e porcos, visto que o tamanho do lote não atende a todos. No processo de produção, não criam gado e isso dificulta a diversificação de culturas, como também geração de renda. Esperam que os/as filhos/as arrumem bom emprego e que possam ajuda-los a adquirir condições favoráveis para fomentar as atividades com a criação de animais e, futuramente, melhorar a vida da família.

O relato da entrevistada evidencia a solidão que as pessoas assentadas se encontram, não somente do assentamento Uirapuru, mas nos diversos assentamentos de Mato Grosso do Sul, em relação ao não acesso à assistência técnica e aos créditos de fomento, visto que o tamanho pequeno dos lotes, para os dias atuais, com inovações tecnológicas e de adubação de solos, não deveria ser impedimento para produzir, caso as famílias utilizassem de manejo correto do solo e praticassem a diversificação da produção.

No entanto, para que uma pequena propriedade tenha potencial produtivo e consiga assegurar a permanência de diversos membros da família, é preciso conhecimento técnico sobre manejo do solo, bem como fomento em investimentos de capital, melhorando a capacidade dos solos, aplicando novas tecnologias sociais, especialmente aquelas de baixo custo. Esses fatores poderiam transformar o processo produtivo, especialmente com a diversificação da produção, práticas inexistentes nos assentamentos, dentre eles o local de nossa pesquisa.

É evidente que existem linhas de financiamento disponibilizadas pelo Governo Federal, as quais nem sempre chegam ao conhecimento das pessoas assentadas, e quando chegam, não sabem como proceder para acessá-las, a começar pelos complexos formulários e exigências documentais a serem entregues em agências bancárias, o que as afasta de qualquer possibilidade de melhoria na produção, sendo poucos os assentados em unidades de produção, os lotes, que conseguem acessar fomento agrícola. Dessa forma, trabalham com a força física, na capacidade de produção familiar que se renova a partir de uma colheita para a outra. Nesse formato, quando uma colheita fracassa, em virtude de eventos climáticos, as famílias levam diversos anos para readequarem a produção, a desesperança floresça e, com ela, emergem projetos voltados para fora do assentamento, para seguir o caminho dos filhos/as que já partiram.

No relato da entrevistada vemos que ela e o esposo estão sozinhos, mas a falta dos filhos é compensada pela perspectiva de que na cidade eles poderão construir um futuro melhor. A pesquisa de Nunes, na Colônia Conceição, outro assentamento de Nioaque corrobora com esse pensamento, quando diz:

Ao olharmos para os números sobre a presença ou não de filhos nos lotes dos velhos, identificamos uma maior proporção naqueles, cujos filhos já foram embora e o lote se tornou um espaço ocupado apenas pelos velhos. Inferimos que com o envelhecimento populacional está ocorrendo um crescente esvaziamento de jovens e, com isso, a tendência é ampliar o número de lotes sem a presença de jovens. (Nunes, 2019, p. 97)

A possível causa do envelhecimento do assentamento é devido à saída dos/as jovens, que em muitos casos, a própria família acredita ser o assentamento um lugar sem perspectiva, isso porque a produção nos lotes não é suficiente para manter economicamente toda a família envolvida com a produção, principalmente para os/as jovens que possuem necessidades para além do que é possível prover.

3.3 As políticas públicas que garantem “ficar” no assentamento:

O acesso às políticas públicas direcionadas para as juventudes do campo brasileiro é fundamental para incentivar pertencimentos, especialmente nos assentamentos. No Uirapuru, as políticas públicas municipais que contemplam as juventudes do lugar se fazem presentes, mesmo em pequena escala. O contato com a SEDRU- Secretaria de Desenvolvimento Rural de Nioaque/MS, representada pelo secretário municipal de desenvolvimento rural Sr. Luiz

Fina, propiciou elencar as políticas públicas da agricultura voltadas ao desenvolvimento rural do município de Nioaque – MS. Em sua fala o Secretário aponta de maneira resumida, todas as políticas para os assentamentos, que beneficiam os agricultores/as, não só do Uirapuru, mas de todos os assentamentos do município:

A SEDRU de Nioaque atende por eixo de desenvolvimento rural como: Manejo e conservação do solo, infraestrutura rural, associativíssimo, atendendo e incentivando as associações de agricultores familiares. Temos a Feira da agricultura familiar, a qual disponibiliza espaço na cidade uma vez por semana para os agricultores venderem seus produtos, cedendo mesas, cadeiras e balcões. Presta assistência técnica aos agricultores. Atendemos o núcleo de regularização fundiária, que visa atender parceiros para a regularização, marcação e levantamento de curvas de nível, programa Pró Peixe, desenvolvido por empresas terceirizadas que visa dar assistência aos criadores de peixes como: planejamento, entrega de alevinos, ração e abertura de um tanque escavado medindo 30x12m, utilizando escavadeira adquirida com os recursos do PROSOLO do governo do Estado de MS, Disponibilizamos caminhões para o transporte de milho, soja, ração para peixes, calcário, gesso agrícola, implementos e tratores agrícola. Mantemos também, convênio com as associações de todos os assentamentos, incluindo o PA Uirapuru, aldeias indígenas, disponibilizando através do convênio: máquinas, tratores, implementos de preparo do solo, plantio, colheita, forragens, silagens, e outros. Temos a política de planejamento culturais anuais, manejo de produtos fitossanitários, projeto de reforma de pastagens, análise de solo, interpretação com recomendação agrônômica. Disponibilizamos profissionais da área da medicina veterinária e agronomia, concursados no município para o atendimento no campo. Promovemos e coordenamos a regulamentação fundiária dentro do município através do NRFN. (Luiz Fina, entrevista gravada em 20, 01,2024).

Continuando sua fala, o Sr. Luiz destaca que grande parte dessas políticas são recentes, as quais foram fortalecidas com a criação da SEDRU, que atualmente possui sede própria e pode dar ampliar a assistência aos agricultores/as. Apesar de não constarem como políticas específicas para as juventudes, fortalecem a agricultura familiar que, de uma forma ou outra, beneficia o núcleo familiar e cria meios para a permanência de um maior número de pessoas nos lotes.

Na perspectiva de compreender outras políticas públicas do município, procuramos a SEDUC- Secretaria Municipal de Educação de Nioaque e entrevistamos a Professora Gilda Romualdo, Assessora Pedagógica da SEDUC, para falar sobre as políticas públicas que contemplem as juventudes assentadas. Ela nos disse que:

A Secretaria Municipal de Educação oferta tanto na área urbana, quanto na área rural, algumas ações voltadas para o esporte como: o projeto Judô, futebol, Society Futsal etc. Temos a política da Educação Básica do Campo, que até pouco tempo, as escolas do campo, na maioria eram extensões e hoje, as escolas do assentamento já poluem sua sede própria como Escola do Campo, com as diretrizes próprias, podendo os educadores trabalhar as especificida-

des do jovem do campo. Implantamos quadra esportiva em algumas escolas do campo que ainda não possuía quadra de esporte. Temos a política efetiva de saúde nas escolas que visam prestar assistências às crianças, jovens e adolescentes nas escolas, tanto urbana quanto rural. Disponibilizamos também, ônibus para transportar jovens para a Faculdade em Aquidauana, Jardim, Dourados (UFGD) E Campo Grande (UFMS). A prefeitura de Nioaque possui o Convênio, firmado com o SEBRAE, sendo este uma parceria entre o estado, município que visa ofertar oficinas profissionalizantes na área de informática, comércio, Marketing com objetivo contribuir na preparação dos jovens para o mercado de trabalho. A Secretaria de Educação, oferta também, curso de empreendedorismo para os jovens, tanto da área urbana, quanto rural”. Todas essas ações são políticas públicas municipais, voltadas para a juventude de modo geral. Gilda Romualdo (entrevista gravada em 20.01.24).

Na entrevista da Sra. Gilda evidencia-se a compreensão de aplicação de algumas políticas que contemplam juventudes. Entretanto, apesar dessas ações incluírem os/as jovens de modo geral, algumas delas não chegam até os assentamentos, como é o exemplo do transporte para as faculdades de Jardim e de Aquidauana. Para que os/as jovens tenham acesso a esse transporte, precisam se deslocar até a cidade, para então seguirem aos municípios vizinhos a Nioaque, usando do transporte escolar. É uma alternativa inadequada, devido à dificuldade de deslocamento do assentamento até a cidade, já que o transporte não se estende aos assentamentos.

O PRONAF JOVEM, uma linha de crédito destinada aos agricultores e agricultoras jovens, para investirem na produção agrícola é outra política pública existente. Para entender como essa política se efetiva no município, procuramos entrevistar um técnico da AGRAER, o Sr. Milton Silvestre da Silva. Ele que informou como essa política chega aos jovens do PA Uirapuru e disse que: “No município de Nioaque foram beneficiado com essa linha somente 03(três) jovens do assentamento areias, os jovens dos outros assentamentos não apresentaram projetos para se beneficiar como os recursos, talvez por falta de informação, pelas burocracias, as dificuldades em formular o projeto e também com a titulação dos lotes”. Milton Silvestre da Silva (Entrevista concedida em 29.01.2024)

Nas palavras do técnico, constatamos o distanciamento entre política pública e população beneficiada, que não tem alcance a conhecimentos sobre como acessar e gerenciar tais recursos. A criação das políticas públicas depende de elos que as façam circular até alcançarem o público a ser por elas beneficiado. Os elos parecem ser os elementos fragilizantes desse processo, visto que a assistência técnica que tem essa incumbência, não detém credenciais estruturais (número de técnicos/as, veículos, treinamentos), para se reunir *in loco* com os inte-

ressados/as em seus lotes, explicar o teor de determinada política e construir, conjuntamente, projetos de acesso a ela.

A questão fundamental é: não basta criar políticas públicas, divulgando-as de forma geral, como se todas as pessoas detivessem conhecimentos que as habilitassem à leitura de seus conteúdos, compreendendo do que tratam e de como acessá-las. Na criação de políticas públicas para público excluído socialmente, como é aquele dos assentamentos rurais, é preciso indicar, também, meios para que esse público conheça os caminhos que precisa percorrer até chegar ao acesso e ao gerenciamento da política. No entanto, percebemos a existência de lacunas entre a criação, o acesso e o gerenciamento das políticas públicas.

Sérgio Botton Barcelos (2021) pesquisando sobre o PRONAF JOVEM, diz que:

Ao longo desse processo de pesquisa sobre o Pronaf Jovem, observou-se pequenos espaços políticos (grupos de trabalho, conferências, seminários e comitês) promovidos pelo governo onde ocorreram os debates sobre a questão da juventude rural, alguns temas foram pautas recorrentes, como: a falta de orçamento para políticas públicas para a juventude rural; a falta de prioridade no tema por parte do governo; quem é e onde estão esses jovens rurais; como trabalhar com esses jovens na sua diversidade; como fugir de um esquema burocrático que promova o acesso à política; preconceitos com o(a) jovem quando vai acessar políticas ou participar de espaços de decisão; a falta dos ministérios e secretarias firmarem compromissos políticos mais efetivos com as políticas públicas para a juventude rural, entre outros temas. (Barcellos, 2021, p.168)

Como se evidencia, a burocracia para que os/as jovens tenham acesso às políticas públicas do governo federal impede que elas se estendam e as alcance, especialmente no assentamento Uirapuru, que ainda está em processo de titulação.

Outra política pública no assentamento Uirapuru, destinada a atender especialmente as juventudes, é em relação à Educação do Campo, uma política pública educacional de inclusão social das comunidades camponesas. O Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul (p.9), vem apontar que: “A Educação do Campo é uma política pensada pelo governo e pela sociedade civil e caracteriza o resgate de uma dívida histórica da Nação junto aos sujeitos do campo, que tiveram, durante muito tempo, o direito a uma educação de qualidade negada.”.

Dessa forma, as escolas de assentamentos precisam se voltar às pessoas que fazem parte da realidade camponesa. Para tanto, se faz necessário pensar a escola nos âmbitos político, social e econômico, cujos educadores/as tenham compromisso político, não apenas por uma educação de qualidade para as crianças, jovens e adolescente dos lugares, mas também com olhares de respeito e reconhecimento para as especificidades de cada realidade, valorizando seus diferentes saberes e suas necessidades.

Entrevistamos a Professora, Maira Arruda, da Escola Municipal 03 de Dezembro, em sua fala destaca que sempre procurou trabalhar de acordo com as diretrizes da escola de assentamento mas, em alguns momentos de sua trajetória, se sentiu só na luta, pois ainda falta muito para que a educação do campo seja efetiva e concreta.

Perguntada sobre as ações concretas que a escola desenvolve para garantir a permanência dos/as estudantes no assentamento, ela indica que: “Falta políticas públicas que garantam a permanência dos jovens no campo, como lazer e, principalmente, que esses jovens sejam valorizados por eles mesmos.” Ela continua relatando que os/as jovens, muitas vezes, não se reconhecem como sujeitos/as de direitos, iguais aqueles/as da cidade. Isso fica evidente quando ela os leva à cidade, em atividades extraclases, e percebe que eles/as ficam tímidos/as e com vergonha de se misturarem com os meninos e as meninas da cidade, como se sentissem-se diferentes. Maira Arruda (Entrevista gravada em 27.03.2024 e autorizada na mesma data)

3.4 Lazer no assentamento

Na pesquisa percebeu-se a importância do lazer para os/as jovens, constatando-se a insatisfação da maioria com relação ao espaço de lazer e entretenimento no assentamento, sendo a escola, o espaço mais frequentado no cotidiano, o que o torna o mais importante para a construção de suas identidades. Nele, os meninos e as meninas vislumbram na escola a possibilidade de saírem de casa, construírem relações de amizade e afeto, procuram usar suas melhores roupas e calçados e exibem seus celulares.

Para compreender esse contexto, buscamos dar um enfoque maior na escola, que a maior parte dos/as jovens pesquisados/as estudam e os que não estão já passaram por ela, principalmente a escola EE Uirapuru que oferta o Ensino Médio em tempo Integral.

Observando o cotidiano dos/as jovens do lugar a partir da escola, percebe-se que de segunda-feira à sexta-feira, exceto nos dias de feriados, os/as jovens passam o dia inteiro na escola, e levantam muito cedo para pegarem o ônibus, como já foi dito anteriormente. Na escola acontecem diferentes formas de socialização e lazer, uma vez que nos finais de semana, os/as jovens precisam trabalhar com os pais no campo.

Desse modo, os espaços de lazer existentes na escola são aproveitados por s jovens que ocupam o seu tempo livre, após a extensiva jornada de estudos demandada por uma escola em Tempo Integral. Para tanto, entrevistamos a Professora de Convivência e

Socialização, Clarice Candido Viscardi, a profissional que acompanha os estudantes no horário de 11h15min as 13h00min horas, coordenando, desde o almoço às atividades desenvolvidas com eles nesse período.

De acordo com a Professora, ela desenvolve vários projetos identificados pelas EMTI como os Clubinhos. Cada dia da semana é desenvolvido um clube diferente, o qual ela lista alguns deles, enfatizando que sempre precisa fazer reformulações, criando novas ideias com a participação dos próprios jovens. Nesse sentido, destacamos o Clube do cinema, que consiste na escolha coletiva de um filme de interesse dos/as jovens. Após o almoço, todos se dirigem para o espaço da biblioteca da escola, onde o cinema está adaptado. Ali, eles concentram sua atenção no filme e a professora serve pipoca e suco. Conforme diz a professora Clarice Candido Viscardi (27.03.2024): “O Clube do cinema, é uma excelente atividade de lazer, eu oriento para que escolham filmes adequados, porém a escolha é deles mesmos. O único problema é que os/as jovens são muito inquietos, e ao mesmo tempo em que estão assistindo o filme, estão pensando na quadra de esportes lá fora, mas com muito esforço, consigo que todos concentrem sua atenção no filme”.

FOTO: 30 Estudantes assistindo filme – no Clube do Cinema



Imagem cedida pela Professora Clarice, autorizada publicação em 27.03.2024

O Clube do Voleibol é o segundo mais preferido pelos/as jovens, principalmente pelas meninas. Eles/as jogam juntos, não há a divisão de time masculino e time feminino. Isso é uma regra do Clubinho. Em quadra, precisam respeitar os regulamentos, organizados pela Professora. “No dia do Voley, eles nem querem esperar o período estipulado, após o almoço para a digestão”.

Foto: 31 Estudantes jogando Voleibol – no Clube do Voleibol



Imagem cedida pela Professora Clarice de seu Portfólio, autorizada à publicação em 27.03.2024

O Clube do Futsal, do futebol de salão é o mais esperado, principalmente pelos meninos, embora algumas meninas gostem de jogar junto com eles. No entanto, o esporte fica mais restrito aos meninos, visto que as meninas alegam que sentem medo de se machucarem, pois os eles são mais violentos nos movimentos. As meninas que não participam do futsal, se envolvem no Clube do Xadrez, dominó, ou tênis de mesa na sala de jogos da escola, ou simplesmente vão para a sala de descanso, onde descansam e trocam ideias com as amigas, ou ficam conectadas às redes nos seus celulares.

Foto: 32 Entretenimento na sala de Jogos



Imagem tirada pela autora em 27.03.2024

Foto 33: Sala de Jogos



Imagem tirada pela autora em 27.03.2024

Além do Clubinho de Futsal, no período vespertino após o término das aulas, acontece à oferta da Fundespot, um Projeto de Treinamento de Futebol de salão feminino e masculino. Os 08(oito) tempos de aula terminam às 15h30min e a partir desse horário, os meninos e meninas inseridos/as no Projeto, treinam até às 17h20min horas, sendo uma importante atividade de suas preferências.

Foto: 34 - Clube do Futebol de salão



Foto cedida pela Professora Clarice de seu portfólio e autorizada sua publicação em 27.03.2024

O Clube de Robótica e Ciências é outra atividade desenvolvida no laboratório de informática e no laboratório de ciências da escola. O laboratório de ciências é uma sala adaptada, com um laboratório móvel de ciências, microscópio e outro de robótica. É um espaço que os/as jovens gostam muito. Ali, eles/as têm a possibilidade de dar asas para a curiosidade científica, realizando uma infinidade de experimentos, assim como projetos de robótica. Na sala de tecnologia, pesquisam e trabalham livremente a produção de conteúdos digitais, criação de aplicativos, desenvolvem habilidades relevantes para o futuro, promovendo possível interesse nessas áreas, sem o compromisso e responsabilidade de obtenção de notas, visto que são atividades acontecem no período de tempo livre.

O Clube o Boi Parado, é outro momento de lazer, construído pelos próprios jovens. Consiste em um boi de madeira talhada, sendo que meninas e meninos disputam laçadas com uma corda. Conforme dito pela Professora, é uma atividade mais atraente aos meninos do que às meninas, “Os meninos são mais propensos a gostarem de laçadas, as meninas gostam mais de observar e fazer torcida”.

Foto: 35 Jovens laçando o Boi Parado



Imagens, registrada pela autora em 27.03.2024, no saguão da escola.

Na entrevista com o jovem “J”, de 16 anos, estudante do segundo ano Ensino Médio, quando perguntávamos se ele sentia falta de uma estrutura adequada de lazer no assentamento, a qual pudesse atender seus anseios e expectativas, ficou evidente que apesar das atividades de lazer na escola, faltam estruturas no assentamento, como um todo, para o desenvolvimento de outras atividades de lazer, que atendam os seus anseios e as suas perspectivas, fora do período escolar. Vejamos o que ele nos diz.

Acredito que a falta de infraestrutura no assentamento afeta diretamente as atividades de lazer no assentamento. Eu sinto muita falta de um espaço adequado como uma praça, um bosque bem planejado, iluminado com bancos para que os jovens fiquem a noite, conversando e tomando tereré, trocando ideias. Isso seria um entretenimento, cuja falta deixa a vida da gente muito limitada. Gostaria também que tivéssemos uma quadra de areias no assentamento, mas o único espaço que temos para nos divertir, apesar de ter que estudar o dia inteiro é a escola, nos tempos livres, pois sábado e domingo, temos que trabalhar em casa. (Entrevista concedida em 15.01.2024).

Para esse jovem que se encontra em idade escolar, a escola se apresenta como uma alternativa para saírem da rotina do trabalho no campo, uma vez que no assentamento não existe muita opção para a diversão das juventudes. A maioria dos jovens do campo, muito cedo, é envolvida nos trabalhos agrícolas com os pais, como força de trabalho nas atividades relacionadas ao plantio, à colheita, aos cuidados com os animais, sendo estes, parte essencial de suas vidas.

Na perspectiva de entender os possíveis fatores que influenciam os jovens a continuarem no campo, após concluírem a educação básica, assim como o que os leva a

migrarem para as cidades, foi perguntado à jovem “K”, 16 anos, estudante do segundo ano do Ensino Médio, se a falta de lazer no assentamento pode impactar, de alguma forma, na decisão de sair ou ficar no assentamento, e se considera o lazer importante para a juventude, bem como, quais são os principais locais que podem praticá-lo. Para esses indicadores, ela diz:

Acredito que a falta de opção lazer no assentamento pode impactar na decisão de querer ir embora sim. Pode não ser o mais importante, mas a gente é jovem e quer buscar oportunidades em outros lugares. Queremos novas experiências não só intelectuais, mas também de lazer. Sobre os principais locais que praticamos o lazer no assentamento é na escola, principalmente na quadra de esporte (Entrevista concedida em 15.01,2024).

Percebe-se na fala da jovem, apesar de afirmar que a falta de lazer pode não ser o motivo mais importante para a decisão de sair do assentamento, de alguma forma pode ser um fator a impactar na saída dos/as jovens.

Na entrevista com a Jovem “L”, 17 anos, estudante do terceiro ano do Ensino Médio, abordamos a questão do investimento público no assentamento, que pudesse contemplar a juventude no sentido de disponibilizar, economicamente, o acesso desses jovens a diversos espaços e atividades, como os encontros nas casas dos amigos nos finais de semana, a fim de conversarem, trocarem ideias, fazerem caminhadas, ou mesmo seguirem para encontros com conhecidos em assentamentos vizinhos. Vejamos o que nos disse:

Os maiores obstáculos que vejo em viver aqui é a falta de lazer, devido à falta de estrutura e investimento do poder público em iluminação e deslocamento que possam nos permitir sair de casa para encontrar os amigos nos finais de semana. Aqui, as casas são muito distantes uma das outras, não dá para sair sempre, e também quando não estamos na escola, temos o trabalho pesado nos lotes junto com nossos pais. O que temos disponível para nós, em termo de lazer, é o esporte, principalmente na quadra da escola, onde podemos jogar vôlei, esporte que gosto muito. São nesses momentos que socializamos e nos livramos do estresse. (Entrevista gravada em 18.12.2023)

Muitos assentamentos rurais se encontram localizados em áreas afastadas das cidades e apresentam um contexto peculiar em relação ao lazer dos jovens, que pela distância, precisa ser implementado nos assentamentos. Em ambientes urbanos o acesso a diversas opções de entretenimento é amplo, enquanto que, nos assentamentos rurais, especificamente no local da pesquisa, os jovens tendem a buscar alternativas de lazer mais ligadas à escola e no ritmo das atividades da vida no campo, no que oferece à natureza e a eventos da comunidade local.

Como a jovem enfatizou, os investimentos em estrutura são inexistentes, o que nos leva a compreender que o poder público local não pensa em demandas reais da juventude do campo. É preciso considerar as necessidades dessa juventude, não apenas nos debates públicos quando da elaboração de políticas para juventude, as quais tendem a não se efetivarem, como coloca o Coordenador de Políticas para a Juventude as SRA/MDA, (Fabiano Kempfer, 2007 p.81).

Precisamos que os intelectuais, a academia e os movimentos sociais se debrucem e nos ajudem a entender quais são as demandas reais da juventude, qual é o dever dos movimentos sociais e do Estado na resolução dos principais problemas da juventude, tanto no meio rural como no urbano. Isso é urgente! Precisamos de boas elaborações teóricas para discutirmos temas que vão desde a questão das drogas, da violência, até a questão das políticas públicas.

Para os/as jovens pesquisados/as, o lazer está intrinsecamente ligado ao esporte. Para a jovem entrevistada, bem como para a maioria dos/as jovens com os/as quais dialogamos, o lazer está efetivado nas práticas de esportes, sendo nesses momentos das atividades esportivas que eles/as se encontram e se socializam. As práticas esportivas como futebol, vôlei, são muito populares entre os/as jovens do assentamento, quando aproveitam a quadra esportiva da escola nos tempos livres e a natureza ao redor para realiza-las, o que vem também a promover a saúde física e o bem-estar dos/as juventudes assentadas.

Perguntado à jovem “M”, 17 anos, estudante do terceiro ano Ensino Médio se ela participa de algum grupo de jovens nos finais de semana, para alguma atividade de lazer, ela nos responde:

Não participo de nenhum grupo de jovens para atividades de lazer, pois os meninos e meninas daqui, só gostam de vôlei e futsal de salão e eu não gosto desses esportes. Aqui bem que poderia ter basquete ou aulas de danças para todos os jovens do assentamento. Então prefiro ficar em casa mesmo nos finais de semana e nos feriados, onde me envolvo com os trabalhos do campo com minha família, somente nos dias de aula é que temos a oportunidade de ver amigos, conversar, trocar ideias e sair da rotina. (Entrevista concedida em 05.03.2024).

De acordo com a fala da jovem, há aquelas meninas ou meninos que não gostam de determinados esportes que são as principais atividades de lazer ofertadas no assentamento, preferindo ficar em casa. Para muitos/as jovens, a relação entre lazer e trabalho, muitas vezes, é bastante integrada e influenciada pelo estilo de vida das famílias e pelas atividades cotidianas relacionadas à vida no campo e na estrutura produtiva de cada lote.

Nas observações em campo, a pesquisa apresenta algumas das atividades de lazer mais comuns entre os/as jovens do assentamento pesquisados/as, compreendendo não só aqueles/as inseridos/as na escola, mas também aqueles/as que estão fora dela, com destaque para as festas da comunidade como atividades de lazer e sociabilidade. As festas da comunidade geralmente acontecem no aniversário do assentamento, com churrasco para toda comunidade, e festas religiosas, como aquela de comemoração a Nossa Senhora Aparecida. Na festa do aniversário também acontece, todos os anos, a cavalgada, quando todos os/as jovens e adultos/as se organizam e desfilam com seus bonitos cavalos. Para entender a cavalgada, entrevistamos o Sr. Lucinei Maidana Romero, 49 anos, um dos coordenadores da atividade, que diz:

Cavalgada acontece na festa de aniversário do assentamento desde 2018, onde participam jovens, mulheres e homens adultos. Eu fui o primeiro coordenador e permaneço até então. Na primeira cavalgada, consegui reunir cerca de 60 pessoas e nesta de 2023, consegui cerca de 50 pessoas. Nos encontramos na casa do Sr Leandro Marcineiro, lá ele nos oferece um arroz carreteiro e em seguida seguimos a cavalgada até a sede do assentamento. Chegando na sede, fazemos uma parada para uma exposição dos animais para então parar o local da grande festa do aniversário. Lucinei Maidana Romero (entrevista concedida em 05.04.2024 e autorizada publicação)

Foi observado que na questão do entretenimento e esporte, há, na sede do assentamento, um campo de futebol suíço. Embora os/as jovens prefiram a quadra de futsal da escola para as atividades de esporte e lazer, notamos que eventualmente organizam torneios de futebol suíço, e recepcionam jovens de outros assentamentos e da zona urbana. Para essas atividades, geralmente, recebem apoio financeiro do poder público ou da própria comunidade, para realização dos eventos e para as premiações dos times vencedores.

Foto: 36 Sr. Lucinei degustando o arroz carreteiro Foto: 37 Cavaleiros na Cavalgada



Foto cedido pelo Sr. Lucinei e autorizada em 05.04.2024



Foto cedida pelo Sr. Lucinei e autorizada em 05.04.2024

Costa, (2012, p. 101) diz que:

Ao falar das atividades de lazer, as juventudes do campo reportam-se ao vivido, bem como à recriação dos espaços construídos para essas atividades. A prática do esporte, por isso se constitui como uma alternativa de lazer e valorização pessoal, por se fazer no tempo livre, no horário em que mulheres-jovens e homens-jovens não estão na escola. Pensar o lazer para os jovens pesquisados é muito mais que ocupar o tempo livre. Na prática do esporte, considerado por eles, a mais importante atividade de lazer, eles reforçam suas identidades, constroem relações de afeto, sociabilidade, criam suas próprias linguagens, se comunicam, trocam experiências e apoio no grupo.

Considerando que a escola é uma das principais instituições no assentamento e a sua quadra esportiva se constitui no espaço de preferência das juventudes para as práticas do lazer, a instituição abre seus portões, especialmente da quadra esportiva para a comunidade em geral, não ficando restrita apenas a estudantes.

Dessa forma, nos finais de semana, feriados, períodos noturnos e nas férias escolares, a escola libera a quadra para que os/as jovens, adultos e crianças possam praticar as atividades esportivas e de lazer, uma vez que é o único espaço existente no assentamento. Entretanto, existe um acordo entre a escola e a comunidade para a preservação do espaço, que não ocorra depredação e, se necessário, lâmpadas ou qualquer objeto que, por ventura, for danificado durante o uso, seja repostado, numa parceria entre comunidade e a direção da escola.

Nesse sentido, os jovens meninos e as jovens meninas, promovem torneios de futebol de salão e voleibol, com a participação de jovens de outras comunidades, jogos escolares organizados pelo Grêmio Estudantil da escola. Além disso, as mulheres do assentamento utilizam o espaço no período noturno (segunda-feira e sexta-feira) para aulas de ginástica laboral, com a orientação de uma profissional de Educação Física. Uma vez por semana, no período noturno (todas as quartas-feiras) o grupo dos veteranos joga, que são pessoas mais velhas. E todos os outros dias, inclusive aos sábados e aos domingos à noite, são destinados para todos os/as jovens do assentamento. Apenas no domingo à tarde a quadra fica reservada para uso das crianças, com o acompanhamento ou autorização dos pais e das mães. Essa relação de parceria entre a direção da escola e a comunidade decorre dos laços construídos entre ambos e do compromisso para com a juventude e as pessoas que vivem e fazem o cotidiano do assentamento.

Diante disso, corroboramos com as reflexões no artigo “A participação da comunidade no Projeto Escola Aberta no Rio Grande do Sul: o uso da escola pública nos finais de

semana”, de autoria de Valdelaine Mendes et al (2009), quando em seus estudos sobre Escola Aberta, a autora apresenta:

Um dos fatores limitadores da utilização do espaço escolar pela comunidade, identificado no estudo, é o perfil da equipe diretiva. A forma como a equipe gestora percebe a escola e o espaço público é fundamental na implementação de um projeto como o aqui estudado. Uma direção cujo compromisso é restrito às atividades curriculares provavelmente criará uma série de entraves à implementação de qualquer ação que demande o uso da escola nos finais de semana.

Compartilhar os espaços da escola com a comunidade em geral partiu da iniciativa da equipe diretiva da escola, que compreende a necessidade da juventude. As oportunidades de entretenimento e lazer nos assentamentos quase sempre são mínimas, não sendo diferente na comunidade pesquisada. Então, partindo desse entendimento, a direção da escola, conjuntamente com a comunidade, tomou essa iniciativa. Tal decisão tem trazido bons diálogos e momentos de entretenimento.

Percebe-se no estudo sobre o lazer que para as jovens e os jovens do assentamento, o lazer é fundamental para o desenvolvimento de relações de amizade, sociabilidades, vivências e trocas de experiências, e ocorre, mais comumente, nos grupos de práticas esportivas coletivas, como coloca Sales (2013 p. 429). “A necessidade de agrupar-se faz parte do cotidiano dos/as jovens, na sua aparência, seus gestos e comportamentos. No grupo, os jovens afetam e são afetados/as por seus pares; o grupo é uma forma de compor-se, de formar novas relações ou de decompô-las e também de rebelar-se contra as imposições culturais”. As opções de lazer no assentamento, como destacamos, via de regra, são escassas, com poucos momentos de festas, bem como ambientes adequados limitados para o encontro, a sociabilidade e o divertimento das juventudes. Dessa forma, as opções existentes estão muito relacionadas com a escola, principalmente às atividades esportivas. Diante das variadas opções de lazer oferecidas pela escola, percebe-se que no Futsals e no Voleibol os meninos e as meninas realizam seus anseios de juventudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados obtidos com a pesquisa realizada no PA Uirapuru, município de Nioaque-MS, com a qual procuramos entender a motivação que leva a juventude do lugar a cada dia, deixar o campo para viver na cidade, foi possível analisar que estudar juventudes requer considerar interpretações diversas para compreender o que é ser jovens, visto que é uma etapa da vida onde os projetos, os sonhos, os desejos, assim como os dilemas são imensos, acompanhando a ânsia pelo novo de que as juventudes se nutrem.

No PA Uirapuru, o novo acena na vida das juventudes, constatou-se que a cada dia, jovens estão deixando o assentamento e mudando para a cidade. Já não percebem o assentamento, lugar onde nasceram e cresceram, como de vivência, acreditando que na cidade terão melhores condições. O campo também não é o mesmo, sendo marcado pela entrada de tecnologias, aproximando-o da cidade em seus modos de consumo, fazendo com que o sentimento de pertencimento para a juventude do campo esteja se resignificando. Suas vidas têm sido fortemente marcadas pelos meios de informações cada vez mais acelerados, criando necessidades, impulsionando-os a procurarem as cidades em busca de trabalho e renda.

Dessa forma, as relações de sociabilidade entre as/os jovens do assentamento e aqueles da cidade, tornam-se cada dia mais estreitos, tanto que é comum os/as da cidade frequentarem as festas no assentamento, como os torneios, as festas religiosas. Da mesma forma as juventudes do assentamento se sentem atraídos/as pelo movimento da cidade, em busca de divertimento, trabalho e renda, o que faz com que seus hábitos e costumes se modifiquem.

O assentamento já não mantém as relações e a sociabilidade dos primeiros anos de criação, tendo passado por mudanças especialmente no que se refere ao processo de produção, migrando da produção agrícola para a pecuária, atividade que envolve cada vez menos força de trabalho. Isso contribui para aumentar o desejo das juventudes em buscarem outros espaços para construir suas vidas, fora do assentamento, por vezes até incentivadas pelos familiares, que desejam uma vida com menos esforço físico para seus filhos/as e maior renda não alcançada no assentamento.

Cabe destacar a importância da escola como espaço agregador e incentivador para as juventudes, visto que na escola está o principal ponto de referência e influência para os/as jovens do assentamento, com um processo educativo concebido como prática transformadora e responsável pela construção e valorização da identidade camponesa, mas também espaço de formação ampla.

Na escola são colocados em práticas os conteúdos relacionados aos conhecimentos básicos, inerentes as etapas de formação exigidas para o Ensino Médio, havendo ainda, ênfase nos requisitos das exigências de aprendizados outros, perpassado por aqueles das tecnologias, invenções e experiências da informática, da ciência em geral. Isso habilita as juventudes às condições necessárias para os dias atuais, qualificando para a vida no campo e fora dele. A ideia da educação transformadora e que na escola parece vigorar, é de uma formação que os/as habilite para a vida.

Ao longo da pesquisa, percebemos, tanto nas entrevistas, quanto nas observações em campo, que os/as jovens, apesar de gostarem e valorizarem a vida no campo, sua maior inspiração é terminar a educação básica e mudarem-se para a cidade, pelo motivo de que no assentamento não há trabalho e renda. Não consideram o trabalho desenvolvido no campo com sua família como trabalho, já que não são remunerados. A maioria daqueles/as com quem dialogamos, afirmaram que precisam de trabalhos remunerados e a pouca renda nos lotes faz com que seus familiares não consigam atender as necessidades de todos.

O que os motiva a saírem do assentamento não é a falta de identidade com o lugar, mas a falta de trabalho e renda, de acesso a Universidade para continuarem os estudos, além de serem poucos os espaços e tipos de lazer, impulsionando-os/as a saírem. No entanto, parte deles/as manifestou interesse em retornar após formarem.

Cabe destacar que a escola em Tempo Integral trouxe para o assentamento várias opções, de novos saberes e também de acesso ao lazer, atendendo de segunda a sexta. Nela destacamos a ideia de formação dos vários Clubinhos, com atividades de lazer definidas pelos próprios estudantes, dentre as quais o Voleibol e o Futebol de salão como as atividades que mais preferem, pois para eles, lazer, significa praticar esportes na quadra esportiva da escola.

Enfim, é preciso destacar que a pesquisa nos aproximou ainda mais das juventudes, as quais compõem minha jornada como educadora e o próprio corpo docente da escola do assentamento, por meio dos diálogos mantidos no trabalho de levantamento de dados, compreendemos dilemas vividos, desejos acalentados e a difícil decisão entre sair e ficar no assentamento, a qual perpassa a vida das juventudes.

A saída ocorre por uma soma de fatores, com destaque para as fragilidades nas condições econômicas, associadas à escassez de lazer, entrelaçados com a estrutura de cada conjunto familiar, fazendo com que o vai e vem das juventudes se torne parte do cotidiano do assentamento. Nessa lógica, entendemos o sentido do que vem a ser as juventudes, porque são muitas e com diferentes dilemas, projetos e sonhos a serem construídos e reconstruídos em

diferentes espaços sociais, a depender do que motiva cada jovem a sair do seu lugar, buscando novos pertencimentos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Flamarion Dutra. **Territorialização dos assentamentos rurais: da conquista da terra à construção de uma identidade.** Revista NERA, vol.22, n. 48, p.98-113, Dossiê Território em Movimento, 2019. mai.-ago. 2019.

BRANDÃO, Elaine Reis – **Gravidez na adolescência nas camadas médias: Um olhar alternativo** – Culturas Jovens: Novos Mapas do Afeto / Maria Izabel Mendes de Almeida, Fernanda Eugênio (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2006

BRAZ, Jaqueline Pardino. **Transformações Urbanas e Rurais no Município de Nioaque/MS Com a Criação dos Assentamentos de Reforma Agrária** - Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, MS: UFGD, 2022.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Por um ensino de geografia dos(as) educandos(as) – camponeses(as):** uma experiência de educação do campo nos anos iniciais do ensino fundamental/Rodrigo Simão Camacho. 1.ed.- Curitiba: Appris, 2022.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre Ficar e Sair:** uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

CASTRO, Elisa Guaraná de, et al. **Os Jovens estão indo embora?: Juventude rural e a construção de um ator político** Rio de Janeiro: Manual X; Seropédica, RJ: EDUR,2009.

CALDART, Roseli Salete. **A escola do campo em movimento.** In: Por uma educação do campo. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

COSTA, kátia Aline da. **Juventudes do Campo: Cotidiano e Representações Sociais nos Assentamentos Rurais Santa Rosa e Guaçu em Itaquiraí-MS** – Dissertação de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em História – PPGH/UFGD, 2012.

DELBONI, Cláudia. **História de mulheres dos assentamentos Ernesto Che Guevara e João Batista na luta pela terra em Sidrolândia/MS:** vivências, consentimentos, rupturas e continuidades. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em História/PPGS/UFGD, 2017.

FIRMINO, Antonio Luiz – **Relações Culturais, de Esporte e Lazer no Processo de Formação dos Alunos da Escola do Rio do Ponche – SC-** Mestrando em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

GASKELL, George. **Entrevistas Individuais e Grupais – Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e com: um manual prático**7.ed. Petrópolis, RJ ; Vozes, 2008.

GROPPO, Luiz Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: Difel, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho a. **Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som:** um manual prático/Martin W. Bauer, George Gaskell (editores RJ: Vozes 2002.

HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Grupos Focais de Intervenção no Projeto Sexualidade e Prevenção. Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 159-177, junho de 2002.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia. **A morada da Vida: Trabalho familiar de pequenos produtores no nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra. 1979.

KEMPFER, Fabiano – **Políticas públicas, direitos e participação – Juventude rural em perspectiva**. Maria José Carneiro, Elisa Guaraná de Castro. Rio de Janeiro : Mauad X, 2007.

LOISOS, Peter. **Entrevistas Individuais e Grupais – Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e com: um manual prático**. 7.ed. Petrópolis, RJ ; Vozes, 2008.

MARTINS, Manoela Pagotto et al - **Representações sociais e vivências de lazer na juventude** - Psicologia e Saber Social, 3(1), 41-54, 2014, p.44. Acessado em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br> > em 02.04.2024 às 14;00 horas.

MARSCHNER, Walter – **Muito além do rural: Para falar de um espaço complexo – In: MENEGAT, Alzira Salete, FARIAS, Marisa Lomba de, TEDESCHI, Losandro (Orgs.)**. Educação, relações de gênero e movimentos sociais: um diálogo necessário. Dourados, MS : Editora da UFGD, 2009.

MARSCHNER, Walter – **Campesinato como sócio-biodiversidade. In: FAISTING, André Luiz, FARIAS, Marisa Lomba de**. Direitos humanos, diversidade e movimentos sociais: um diálogo necessário. Dourados: Ed. UFGD. 2011.

MENDES, Valdelaine et al - **A participação da comunidade no Projeto Escola Aberta no Rio Grande do Sul: o uso da escola pública nos finais de semana** Página Aberta. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. 17 (64) • Set 2009 • <https://doi.org/10.1590/S0104-40362009000300008> acessado em 27.03.2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise Qualitativa: Teoria Passos e Fidedignidade**. Ciência & Saúde Coletiva , V.17, n.3, p.621-626, 2012 <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/21158>

NUNES, Fábio Pereira. **Viver a Velhice no Assentamento Colônia Conceição no Município de Nioaque, em Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal da Grande Dourados, 2021.

PAULINO, Eliane Tomiasi e FABRINI, João Edmilson (orgs). **Campesinato e território em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 4 Ed, UNESP, 2008.

QUEIRÓS, Sicleide Gonçalves. **Educação escolar da juventude do campo: contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica para o trato com o conhecimento no currículo dos trabalhadores do campo**. 191 f. il. Tese Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. <https://doi.org/10.14393/REPOD-v12n1a2023-67552> acessado em [10.01.2023](https://doi.org/10.14393/REPOD-v12n1a2023-67552) às 15.04 horas.

RIGOTO, Raquel Maria. **As Técnicas de Relatos Orais e o Estudo das Representações Sociais em Saúde**. Departamento de Saúde Comunitária. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Ciência & Saúde Coletiva III, (1) 1998.

SALES, Celecina de Maria Vargas – **Juventudes de Lazer: interações e movimento**, Revista LEB- Linguagens, Educação e movimento. Dossiê Educação e Juventude, agosto de 2013.

SANTOS, Ana Caroline Trindade dos. **Juventude Rural e Permanência no Campo: um Estudo de Caso Sobre Juventude do Assentamento Rural Flor do Mucuri/SE**. Dissertação Mestrado em Serviço Social. Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

SANTOS, Henrique dos e VALE, Ana Rute do. **Modernização da agricultura e novas relações campo-cidade no atual período da globalização: algumas análises a partir do agronegócio cafeeiro no município de alfenas –MG – 3ª Jornada Científica da Geografia – A Universidade chega à periferia – A geografia diante das complexidades Contemporâneas - UNIFAL MG. 3 à 6 de setembro de 2012. Disponível em: www.unifal-mg.edu.br/.../MODERNIZAÇÃO%20DA%20AGRICULTU.**

SANTOS, Oseildo Florêncio e LIMA, Alessandro da Silva. **A Formação Docente para Professores do Campo: Perspectivas e Reflexões para uma Aprendizagem Significativa**. VI Congresso Nacional de Educação/Educação como (Re)existência Mudanças, Conscientização e conhecimento. outubro de 2020Maceió.

SILVA, Ana Paula Alves da. **A Juventude é um caminho contente que depende da gente. Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação MST/MS**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal da Grande Dourados, 2014.

SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. **A Fotografia como Fonte Histórica**. Historia Rio Grande, 1 (2): 113120, 2010. Acessado: <https://periodicos.furg.br> - acesso em 07.12.2022 às 14.30 horas.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Representações sociais e relações de gênero no meio rural**. In: FAISTING, André Luiz, FARIAS, Marisa Lomba de. (Orgs.) Direitos humanos, diversidade e movimentos sociais: um diálogo necessário. Dourados: Ed. UFGD. 2011.

TERRA, Ademir. **A pertinência do conceito de território para análise de assentamentos rurais**. Revista NERA vol. 22, n. 48, p. 190-205, Dossiê Território em Movimento, 2019.

UMBELINO, Ariovaldo de Oliveira. **A longa marcha do campesinato brasileiro: Movimentos Sociais, Conflitos e Reforma Agrária**. In: STÉDILE, João Pedro (org.). A Questão Agrária no Brasil: Interpretações sobre o camponês e o campesinato. São Paulo: Outras Expressões. 2016.

VELHO, Gilberto. **Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea**. ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de, EUGÊNIO, Fernanda. Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2006.

ENTREVISTAS:

ALMEIDA, Levi Torres de – Entrevista concedida em 05.09.2023 .

ANGELO, Valdenir – Entrevista concedida em 15.06.2023

ARRUDA, Maira Rosana. – Entrevista concedida em

BASTOS, Sônia Tereza Pereira, Entrevista concedida em 12.02.2024

BASTOS, Gualter de Lima Gomes, entrevista concedida em

BULHES, Martinho – Entrevista gravada em 26 de abril de 2023

CUBA, Adolfo Arruda – Entrevista concedida em 25.04.2023

ELESBÃO, Doralice – Entrevista concedida em 05.09.2023

FINA, Luiz – Entrevista concedida em 20.01.2024

FLORES, Márcia – Entrevista gravada em 12.02.2024

GARCIA, Edna Jorge- Entrevista gravada em 28.11.2022

GOES, Mariita Romero – Entrevista gravada em 25.02.2024

LEMES, Jorge Fernandes- Entrevista gravada em 18 de novembro de 2022

MATOS, Elza Ferreira de - Entrevista concedida em 12.02.2024

MAIDANA, Lucinei – Entrevista concedida em 05.04.2024

MENDES, Vera Maria Pereira. Entrevista concedida em 12.02.2024

ROMUALDO, Gilda – Entrevista concedida em 20.01.2024

SANTOS, João Alves dos – Entrevista gravada em 22 de abril de 2023

SANTOS, Mariely Silva, entrevista concedida em 18.08.2023

SANTOS, Valmir Francisco dos – Entrevista concedida em 20.07.2023

SILVA, Milton Silvestre – Entrevista concedida em 29.01.2024

SILVA, Paulo Pereira da – Entrevista concedida em 09.09.2023

SILVA, Josuel Pereira da – Entrevista concedida em 15.06.2023

VIANA, Marilaine Mendonça – Entrevista concedida em 08.06.2023.

VISCARDI, Clarice Candido - Entrevista concedida em 27.03.2024